

SAFRAES

ANO 5 | EDIÇÃO 20 | R\$ 10,90
FEVEREIRO / MARÇO 2016

CULTURA CAIXABA

CAPARAÓ

UM LABORATÓRIO PARA
ESTUDOS SOBRE
QUALIDADE DE CAFÉ

JOVENS BUSCAM
QUALIDADE DE VIDA
NO INTERIOR

FUNSAF MUDA
A REALIDADE
DE FAMÍLIAS ASSENTADAS
NO ESPÍRITO SANTO

EQUINOS E MUARES
ALTERNATIVA
DE TURISMO E LAZER

ENTREVISTA
JOSÉ MARIA DE ABREU JÚNIOR,
DIRETOR PRESIDENTE DO IDAF

CULTIVOS QUE VALEM OURO

GENGIBRE, CACAU E PIMENTA-DO-REINO SE DESTACAM NA GERAÇÃO DE DIVISAS DO
AGRONEGÓCIO CAIXABA E MOSTRAM DIVERSIFICAÇÃO COMO SINÔNIMO DE RIQUEZA



Trânsito, política, segurança, esportes,
entretenimento e muito mais na palma
da sua mão: aquinoticias.com



**Por que o
trânsito parou?
Que horas
vai liberar?**

**Você quer as
respostas na hora.**

E, agora, o sul do Estado tem um portal de notícias completo com os principais acontecimentos da região, no momento em que acontecem, feito por uma equipe que está por dentro de tudo e também com a sua colaboração nas redes sociais através do **#aquileitor**.

aquinotícias.com
O que acontece agora, na hora.



06 EDITORIAL

08 **CAPARAÓ:** ESTUDOS SOBRE QUALIDADE DE CAFÉ TRANSFORMAM REGIÃO EM LABORATÓRIO

14 JOVENS BUSCAM **QUALIDADE DE VIDA NO INTERIOR**

18 **FLONA PACOTUBA** PROTEÇÃO EFETIVA PARA A MATA ATLÂNTICA EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

22 **FUNSAF MUDA A REALIDADE** DE FAMÍLIAS ASSENTADAS NO ESPÍRITO SANTO

26 DESAFIOS DA COMERCIALIZAÇÃO DE **QUEIJOS ARTESANAIS**

28 **TEM OURO NA LAVOURA:** CONHEÇA OS PRODUTOS GERADORES DE DIVISAS NO AGRONEGÓCIO CAPIXABA

36 **GALOPEIRA:** ANIMAIS DE MONTARIA GANHAM CADA VEZ MAIS ADEPTOS NA REGIÃO SERRANA

42 **ENTREVISTA**
JOSÉ MARIA DE ABREU JÚNIOR,
DIRETOR PRESIDENTE DO IDAF

46 COLUNA **EM TEMPO**

50 **ARTIGO / RAYSA GEAQUINTO**
CADASTRO AMBIENTAL RURAL
– CAR E E-GTA

CUIDE PARA QUE ELA NÃO FALTE.

O consumo consciente da água é fundamental para o nosso futuro.

Estamos investindo hoje para colhermos um amanhã ainda melhor para nossas famílias.

www.presidentekennedy.es.gov.br



EDITORIAL



As vezes o melhor é nem prestar atenção no entorno e olhar pra frente... A situação do nosso país está nos deixando tão perdidos, pois advinda de um golpe militar, nossa democracia inicialmente apoiada num modelo neoliberal, social democrata, e depois socialista, ou social democrata, deixa bater à porta uma corrente conservadora, pseudomoralista, inescrupulosamente preconceituosa. Não estamos em 1968, é 2016, de lascar!

Desabafos à parte, minha função aqui é apresentar-lhes nossa SAFRA ES edição 20. Modéstia muito à parte: um luxo! Recheada de pautas diversas, não tenho como resumir o conteúdo desta publicação. Só me resta desejar-lhes uma excelente leitura e agradecer ao nosso grupo de trabalho e anunciantes. E arquivem seu exemplar, porque é praticamente uma edição histórica.

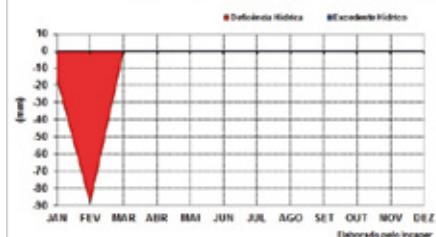
Grande abraço!

Trabalho de excelência do Incaper

Por uma falha nossa, não informamos os créditos dos gráficos apresentados na página 41 da edição 19 da Revista SAFRA ES - Dezembro 2015/Janeiro 2016: Sistema de Informações Meteorológicas do Incaper - Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural. Trata-se de um importante trabalho desenvolvido pelo Instituto. Peço que nos desculpem pelo erro.

Os gráficos estão disponíveis no site: goo.gl/ntvP7o

Extrato do Balanço Hídrico Mensal
CAD = 100 mm PRESIDENTE KENNEDY - ES - Ano - 2016



"AS MÃOS QUE ESTÃO PLANTANDO SÃO AS MAIS PREPARADAS:
AS DA JUVENTUDE. CELEBRAMOS O DIA MUNDIAL
DA ÁGUA COM TRABALHO, E ISSO TEM QUE ACONTECER
TODOS OS DIAS. OS PRODUTORES RURAIS JÁ ESTÃO TENDO
CONSCIÊNCIA DISSO, CULTIVANDO COM SUSTENTABILIDADE.
AQUILO QUE O HOMEM, POR NECESSIDADE, DESTRUIU
NO PASSADO, PODEMOS RECONSTRUIR".

**PAULO HARTUNG, GOVERNADOR
DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, MARÇO/2016**



KÁTIA QUEDEVEZ
Jornalista Responsável
Comercial
MTb 18569 RJ

LUAN OLA
Projeto Gráfico / Diagramação

ALISSANDRA MENDES
LEANDRO FIDELIS
EDÉZIO PETERLE
Colaboradores

RAYSA GEAQUINTO
Articulista

FOTO DE CAPA
Leandro Fidelis

CIRCULAÇÃO:
Nos 78 municípios
do estado do
Espírito Santo.

A revista SAFRA ES é uma publicação bimestral
da Contexto Consultoria e Projetos Ltda.

CNPJ: 06.351.932/0001-65

Endereço para correspondência:
Av. Espírito Santo, 69-20, pavimento
Guacuí - ES - CEP: 29.560-000
jornalismo@safraes.com.br

SAFRAES
A REVISTA DA AGRICULTURA CAPIXABA

ANUNCIE
Tels: 28 3553 2333 / 28 9 9976 1113
comercial@safraes.com.br | katiaquedevez@gmail.com

CONTAGEM REGRESSIVA PARA A INAUGURAÇÃO DA UNIDADE FRIGORÍFICA REGIONAL SUL EM GUAÇUÍ



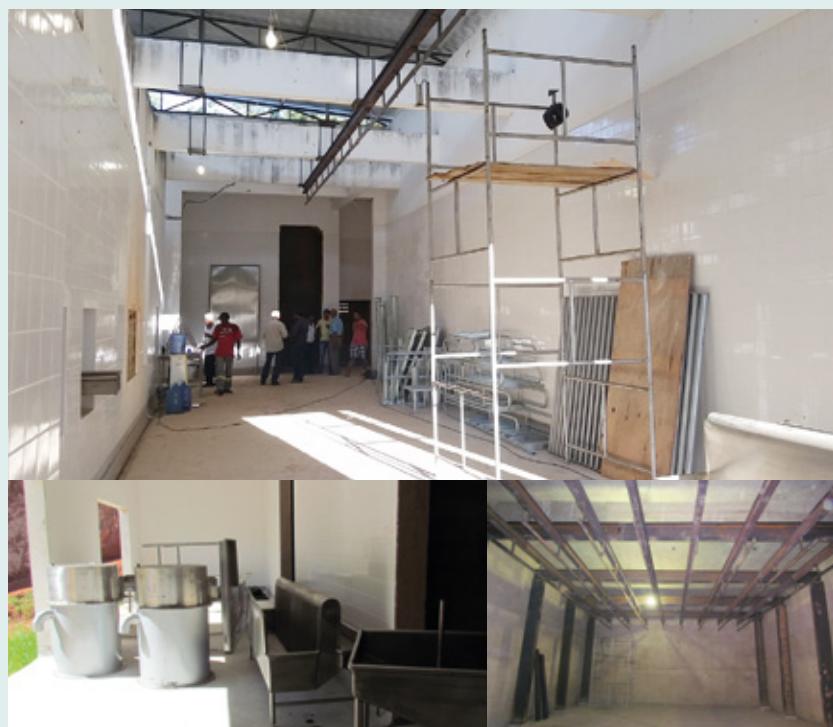
Mesmo em um período desafiador, de significativa diminuição de receita e um cenário conturbado na política e economia nacional, a parceria entre a Prefeitura de Guaçuí e o governo do estado do Espírito Santo está mais firme do que nunca e o resultado não poderia ser melhor. Chega ao fim uma espera de mais de 12 anos: a entrega e o funcionamento da Unidade Frigorífica Regional Sul, ou, como muitos conhecem, o Frigorífico de Guaçuí. A obra iniciada em 2002 é aguardada com expectativa por produtores rurais, pecuaristas e empresários.

Apesar de regional, a finalização da obra está sendo realizada pelo esforço da Prefeitura de Guaçuí, que com o Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento Municipal, aportou mais de R\$ 640 mil na obra física; e do Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), que em equipamentos fez um investimento de aproximadamente R\$ 2,6 milhões.

Só em equipamentos são mais de 70 itens, que ao todo somaram 30 mil kg de carga, entre plataformas, guinchos, cochos, calhas, mesas e tanques inox, além de centrifugas, compressor de ar, balança eletrônica e outros foram confeccionados de maneira customizada, levando em consideração as medidas do local. As câmaras de congelamento e refrigeração também já foram entregues e a previsão é que em julho a Unidade seja inaugurada.

Com a unidade frigorífica em funcionamento, além da geração de emprego e renda, a perspectiva é que as atividades no campo sejam fortalecidas, a vida dos produtores rurais facilitada, custos com o transporte e abate dos animais reduzidos e ampliada a arrecadação municipal, trazendo mais desenvolvimento para a cidade.

Texto: Prefeitura de Guaçuí Fotos: Prefeitura de Guaçuí/Luiz Ferreira



Só em equipamentos são mais de 70 itens, que ao todo somaram 30 mil kg de carga, entre plataformas, guinchos, cochos, calhas, mesas e tanques inox, além de centrifugas, compressor de ar, balança eletrônica e outros.



A unidade fica localizada na rodovia Paulo Pereira Gomes, Km 1 - estrada Guaçuí-ES x Varre-Sai-RJ e levará o nome do pecuarista Gregório Trigo Gil.





Os irmãos José Alexandre e Afonso de Lacerda, de Dores do Rio Preto, abrem a propriedade para estudos científicos na área da cafeicultura.



CAFÉS ESPECIAIS

CAPARAÓ ABERTO PARA A CIÊNCIA

PESQUISADORES ESTÃO DE OLHO NOS ASPECTOS QUE CONFEREM QUALIDADE AO CAFÉ DO CAPARAÓ E LANÇAM ESTUDOS SOBRE DIFERENTES VARIÁVEIS DA PRODUÇÃO REGIONAL. O PRODUTO TAMBÉM VAI GANHAR SELO DE INDICAÇÃO GEOGRÁFICA

LEANDRO FIDELIS / FOTOS LEANDRO FIDELIS

✉ safraes@gmail.com

Nos últimos cinco anos, o olhar sobre a majestosa Serra do Caparaó deixou de mirar apenas o Pico da Bandeira- o terceiro maior do Brasil- e se direcionou para as lavouras de café arábica do seu entorno. A região, na divisa entre os estados do Espírito Santo e de Minas Gerais, considerada uma das áreas mais importantes de preservação da Mata Atlântica, se atentou para a excelência dos grãos produzidos, geradores de negócios até do outro lado do mundo. Para avaliar e atestar a qualidade do produto, pelo menos quatro pesquisas estão em andamento.

O café local está sendo analisado em diversas frentes de estudo porque reúne particularidades não verificadas em outras regiões brasileiras. Os especialistas garantem que o “terroir” da região imprime características como corpo, sabor adocicado e acidez equilibrada. Além de despertar o paladar de degustadores, turistas e a atenção dos cientistas, esses grãos de tamanha preciosidade também premiam

os agricultores familiares em concursos nacionais de qualidade.

Entre as pesquisas, o destaque é um projeto inédito no Espírito Santo de Indicação Geográfica- IG, selo conferido a produtos ou serviços que são característicos do seu local de origem, o que lhes atribui reputação, valor intrínseco e identidade própria, além de os distinguir em relação aos seus similares disponíveis no mercado.

O estudo é coordenado por Anselmo Buss Júnior, diretor do Instituto Inovates e presidente do Fórum de IGs e de Marcas Coletivas do Espírito Santo, em parceria com os institutos Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo- Ifes e Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural- Incaper, envolvendo nove municípios capixabas e seis mineiros. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas- Sebrae/ES encampou o projeto, que se encontra em fase de estruturação e será protocolado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial- INPI até meados de 2017.

Buss explica que, no caso do Café do Caparaó, os trabalhos resultarão em um selo de Denominação de Origem- DO, com referência ao nome da região onde o produto foi feito, atestando que as qualidades e características do grão local se dão exclusivamente naquele meio. “A Denominação de Origem é uma das formas de classificar a qual Indicação Geográfica pertence determinado produto, traz mais detalhes como qualidade, estilo e sabor e se relaciona também à terra, às pessoas e à história da região”, diz. Quando um produto faz a transição para um DO, as normas e controles ficam muito mais específicos como as quantidades máximas que podem ser colhidas e o processo de elaboração do café. “Será a primeira DO do Estado”, completa o coordenador do projeto.

Para avaliar a chance de candidatura do café à IG, foi feito um diagnóstico junto aos produtores. De acordo com Buss, ainda não é possível precisar o número exato de beneficiados, mas 111 cafeicultores participam de uma avaliação quantitativa conduzida pelo Ifes nos dois Estados. “Acredito que o número de cafeicultores beneficiados provavelmente será dez vezes maior do que a amostragem pesquisada,” diz o coordenador.

“A DENOMINAÇÃO DE ORIGEM É UMA DAS FORMAS DE CLASSIFICAR A QUAL INDICAÇÃO GEOGRÁFICA PERTENCE DETERMINADO PRODUTO, TRAZ MAIS DETALHES COMO QUALIDADE, ESTILO E SABOR E SE RELACIONA TAMBÉM À TERRA, ÀS PESSOAS E À HISTÓRIA DA REGIÃO”

(ANSELMO BUSS JÚNIOR)

Foto DIVULGAÇÃO



Para receberem o selo da IG, os produtores deverão cumprir os requisitos de qualidade estabelecidos, a exemplo do que aconteceu com as regiões do Cerrado Mineiro, a primeira IG de café do Brasil, e da Serra da Mantiqueira, em Minas; e do Norte Pioneiro do Paraná.

Segundo Buss, o Espírito Santo concentra mais de 70% da produção regional. "O Caparaó produz cafés especiais que atingem notas que agradam fortemente os mercados mais exigentes de qualidade. A IG visa demonstrar esses aspectos, e o mercado, por sua vez, está em busca de produtos de qualidade e origem garantida. Sem dúvida as chances de ocupar mercados diferenciados que pagam mais por qualidade e origem controlada se abrem sensivelmente", avalia.

O Estado também verificou demandas semelhantes no Conilon Capixaba e nos Cafés das Montanhas do Espírito Santo. As regiões estão em fase de diagnóstico.

FERMENTAÇÃO

Além do inventário para garantir a Indicação Geográfica para o Café do Caparaó, outros três estudos focam as lavouras da região, com destaque para o distrito de Pedra Menina, em Dores do Rio Preto. Dentre eles, uma pesquisa inédita coordenada pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro- IFRJ

introdução



Cecília Nakao é uma referência em produção de especiais em Dores do Rio Preto.

especiais em uma área de 1 hectare, toda plantada. "Sempre acreditei no potencial da região. Por ter uma lavoura pequena, busquei aplicar técnicas de manejo orgânico e seca-gem para garantir qualidade. Nossa região tem ganhado notoriedade de forma saudável", diz a empresária.

A produção, de 20 sacas anuais, foi certificada há dois anos e é toda consumida na cafeteria. Os visitantes e apreciadores são brindados com cafés de propriedades magníficas, adquiridas em função do clima, do "terroir" e cuidados especiais com a colheita e o pós-colheita, além da secagem a 1.100 metros de altitude. "Nossa cadeia de montanhas impede a entrada da umidade vinda do litoral. Temos uma secura específica na época de colher que torna mais fácil alcançar grãos de qualidade", avalia Cecília, que já vendeu uma saca por R\$ 1.200,00 devido à pontuação superior de degustadores.

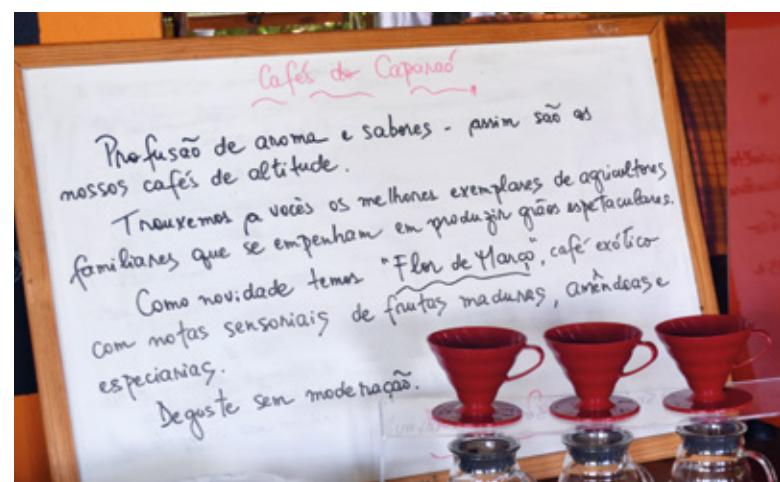
Ao levantar a bandeira da cafeicultura de qualidade e da sustentabilidade agregada, Cecília se tornou uma liderança respeitada. Ela fomenta a produção de cafés especiais dos agricultores vizinhos e intermedia sua venda para os mercados nacional e internacional. Desde 2014, a empresária exporta um talão de cada produtor parceiro para o Japão e abastece cafeterias de São Paulo. "Aos poucos vamos conseguindo inserir o nome dos produtores nos

QUEM VISITA A CAFETERIA DA PousADA VILA JANUÁRIA É BRINDADO COM BEBIDA DE PROPRIEDADES MAGNÍFICAS, ADQUIRIDAS EM FUNÇÃO DO CLIMA, DO "TERROIR" E DOS CUIDADOS NA COLHEITA E PÓS-COLHEITA

negócios. O mercado de comidas e bebidas sempre procura diferencial. Por isso, a importância de um trabalho regional mais integrado para levar o nome do Caparaó adiante", destaca a empresária.

Cecília apostou no patrimônio paisagístico para tornar a região famosa por seus cafés assim como

Bordeaux virou um dos principais polos vinícolas da França. "O Caparaó denota qualidade, tradição e ficou mais verde após o café chegar à região, uma vez que as lavouras estão mescladas à floresta", avalia a empresária. E esse reconhecimento está perto, graças ao projeto de Indicação Geográfica- IG em andamento.



CAMPEÃO NACIONAL JÁ VENDEU SACA A R\$ 3 MIL

Entre os cafeicultores responsáveis pela inclusão do Caparaó na rota da produção de especiais, José Alexandre Abreu de Lacerda, de 40 anos, juntamente com sua família, conquistou importantes prêmios de qualidade, incluindo dois títulos nacionais. Por consequência disso, há quatro anos o produtor vendeu uma saca a R\$ 3.000,00.

E pensar que o conceito de qualidade para o café só chegou ao sítio da família há seis anos, com a utilização de um despolpador comunitário concedido pelo Governo do Estado e depois de visitas técnicas às regiões produtoras de Brejetuba e Venda Nova do Imigrante, na região serrana capixaba. “Até então, a produção com qualidade era algo desconhecido para nós”, conta José Alexandre.

Ele e outros doze familiares cultivam café arábica especial em 12 hectares da propriedade no Espírito Santo, além de outros 15 ha no município vizinho de Espera Feliz (MG), cuja divisa fica a poucos metros, bastando atravessar o Rio Preto. “Juntos, fica mais fácil administrar a colheita e o pós-colheita. Os caminhos para se manter a qualidade se abrem quando todos estão focados”, avalia o cafeicultor.

Logo no primeiro ano descascando café, José Alexandre faturou a primeira de seis premiações regionais na categoria cereja descascado. “Pensei: será que foi acidente ou somos bons mesmo?”, diverte-se o cafeicultor ao lembrar o feito.

O troféu foi um estímulo para a conquista de outros dois prêmios estaduais em Minas Gerais, em 2014, com notas acima de 92 pontos (só para se ter uma ideia, bebidas com nota acima de 80 já são consideradas de alta qualidade) e dois títulos nacionais: o primeiro em 2012 representando Minas, quando vendeu uma saca por R\$ 3.000, e o segundo no ano passado, pelo Espírito Santo.

MODELO

Com lavouras de até 39 anos de idade, o Sítio Forquilha do Rio é considerado, desde 2011, propriedade modelo na produção de cafés especiais. A família apostou no seu conhecimento prático- incluindo leitura dos índices pluviométricos e mudança da adubação de acordo com o clima- além de tratos culturais para alcançar bebidas sempre com notas acima de 80 pontos. “Passamos a analisar o que tínhamos nas mãos e fomos melhorando, sempre focados nos talhões que apresentavam melhores resultados”, afirma Afonso Donizete de Lacerda (43), irmão de José Alexandre.

Esse capricho, aliado à tecnologia, abriu portas para o Sítio Forquilha do Rio. O café dos produtores já foi parar nas xícaras de chineses, japoneses, americanos, holandeses e noruegueses graças à venda garantida dos lotes por meio das empresas realizadoras dos concursos e da exportação em parceria com Cecília Nakao. De acordo

com José Alexandre, um lote de mais de 50 sacas foi exportado para o Japão em fevereiro e há possibilidade de nos próximos meses outro lote viajar até a Itália. “Não imaginava que nosso café fosse para tão longe. Antes, fazíamos só bebida dura e vendíamos por perto por meio de atravessadores. Os últimos resultados estão sempre nos surpreendendo.”

Os benefícios se estendem a outros cafeicultores da localidade ligados à Associação dos Produtores Rurais de Pedra Menina, da qual José Alexandre é o presidente. Em 2015, 22 associados despolparam, juntos, 600 sacas com diferencial no preço da venda por unidade de até R\$ 150,00 acima do valor de mercado.

De carona no conhecido discurso dos mestres da qualidade de café do Estado, José Alexandre de Lacerda afirma que a produção de excelência é um caminho sem volta. “Não tem como regredir, a meta é melhorar sempre. É um meio cruel. Se não fizer bem feito, outro certamente vai fazer melhor”, declara o cafeicultor.



José Alexandre: “A produção de excelência é um caminho sem volta.”

JOVENS BUSCAM QUALIDADE DE VIDA NO INTERIOR

COM A CHEGADA DA TECNOLOGIA NAS PROPRIEDADES RURAIS, OS PRODUTORES VOLTAM A CONTAR COM A AJUDA DOS FILHOS, QUE TROCARAM OS GRANDES CENTROS PELA ATIVIDADE RURAL

ALISSANDRA MENDES

 safraes@gmail.com

Em busca de melhor oportunidade de vida, muitos jovens trocaram o campo pelos grandes centros. Durante décadas, era esse o cenário, mas graças ao alto custo de vida, ao aumento da criminalidade nas cidades e à implantação da tecnologia nas propriedades rurais, essa realidade está mudando. Muitos jovens estão retornando para o campo e outros optam por não sair e permanecem ajudando os pais nos afazeres das propriedades. Conhecemos histórias muito semelhantes de dois jovens, do jovem Urias, de Pancas, norte do estado e de Izamara, de Dores do Rio Preto, na Região do Capão, Capixaba, no extremo sul.

Após 14 anos morando em Vitória, Urias de Ávila voltou para o campo para ajudar o pai a tocar a propriedade, na zona rural do município de Pancas. Há quatro meses, ele trocou a rotina da cidade para plantar arroz e cuidar da horta orgânica e disse que com a chegada da tecnologia, o trabalho ficou mais fácil e prazeroso, sem contar a tranquilidade e o fato de estar perto de sua família novamente.

MUITOS JOVENS ESTÃO RETORNANDO PARA O CAMPO E OUTROS OPTAM POR NÃO SAIR E PERMANECEM AJUDANDO OS PAIS NOS AFAZERES DAS PROPRIEDADES



Urias e a esposa Irlane deixaram a vida em Vitória para voltar para o campo e garantem que estão felizes com a decisão.

“Me mudei para a capital aos 17 anos. Fui morar na casa de uma tia e trabalhar no Ceasa. Fui ajudante de eletrônica, até conseguir comprar minha moto. Por seis anos trabalhei em um boliche e ao mesmo tempo prestava serviços como motoboy, até que sofri um acidente motociclístico. Após 11 anos, voltei a trabalhar no boliche

e fiquei lá por anos. Saí para ser taxista, onde permaneci por oito meses e depois para uma loja de tintas. Depois de um ano e meio, fui trabalhar em uma gráfica, onde fiquei por quase cinco anos, até voltar para a roça”, conta Urias.

Aos 35 anos, Urias casou-se em Vitória com Irlane da Costa Vila Real. Os dois se conheceram quando trabalhavam na mesma gráfica. Ela não só o apoiou a voltar para o interior, como também não hesitou em acompanhá-lo. “Depois que nos casamos, moramos em Vitória por um ano. Nesse período já pensava em voltar para ajudar meu pai na propriedade e depois de um assalto que sofri decidi voltar. Meu pai é

o único que planta arroz manual no barro na nossa região e estava sozinho. A mãe de obra na roça é muito difícil e além disso, minha esposa achou bacana a ideia de mudar para o interior”, ressalta Urias.

“Queríamos paz e temos aqui. Temos tv por assinatura, telefone celular, internet e o melhor: sossego. O custo de vida aqui é baixo, só gastamos dinheiro com a gasolina da

moto, quando temos que ir até a cidade. Por enquanto, estamos morando na casa dos meus pais, mas estou economizando para construir nossa casa”, completou.

PERSPECTIVAS

Além de ajudar o pai na plantação de arroz, Urias fez uma horta com alimentos orgânicos com 22 metros de comprimento e sete de largura, onde planta alface, tomate, abobrinha, couve, almeirão, rúcula, entre outros. A produção é vendida no comércio de Pancas. “Não uso agrotóxicos. O máximo que usamos é urina da vaca misturada com água, que ajuda no combate de insetos”, explica.

O objetivo de Urias é fornecer a produção para a merenda escolar e para isso, pretende aumentar o espaço no sítio destinado à horta. “O dinheiro que vou ganhando com a horta será usado para investir lá mesmo. Também temos tanques de peixes e colocamos 500 filhotes de tilápias, mas, por enquanto, é somente para nossa diversão”, frisa.

Ele garante que está feliz por ter voltado. “A vida aqui é muito



Urias contou que pretende aumentar a área destinada à horta, pois pretende fornecer a produção para a alimentação escolar.

tranquila. Tenho planos de plantar pimenta do reino, cacau. Isso é o mais alto que quero chegar. Vou plantar mais dois mil pés de café para juntar com o que já temos.

Valeu a pena ter voltado. Não tem nada que pague esse sossego. Estamos muito felizes aqui e certos de que tomamos a decisão correta”, completa o produtor.



Na propriedade do Urias e do pai também há tanques de peixes, com mais de 500 filhotes de tilápias, mas ele diz que, por enquanto, é só pela diversão.

'NÃO TENHO VONTADE DE SAIR DO CAMPO'

Muitos jovens optaram por não deixar as propriedades e permanecem ao lado dos familiares, ajudando na atividade rural. Há vários motivos, mas a paixão pelo campo acaba falando mais alto e a ideia de trocar a roça pela cidade não atrai mais tanto os "jovens rurais".

A estudante de Ciências Biológicas Izamara Aparecida Lacerda faz parte deste novo contexto. Ela não pensa em trocar a vida no campo pela cidade. Desde cedo ajudando o pai na roça, ela conta que é feliz morando na localidade de Forquilha do Rio, zona rural do município de Dores do Rio Preto, na Região do Caparaó, pois tudo que gosta está lá.

"Minha família é muito humilde e vivemos basicamente da produção de café. Há cinco anos participamos do Concurso de Café da zona da mata mineira, e ficamos em 1º ou 2º lugares. Sempre ajudo meu pai. Não tenho vontade de ir para casa. Gosto de trabalhar e viver aqui", comenta a estudante.

Todas as noites, Izamara segue para Carangola, em Minas Gerais, onde cursa a faculdade. Até na escolha da carreira, Izamara considerou sua opção por permanecer na roça. "Escolhi esse curso porque temos o Parque Nacional do Caparaó e posso trabalhar por perto, sem sair da roça. E também quero trabalhar em sala de aula e continuar morando aqui", explica.

Segundo Izamara, o que a faz querer continuar morando no



A estudante de ciências biológicas Izamara Aparecida Lacerda não pensa em trocar o campo pela cidade e garante que é muito feliz na roça.

DESENHO AJUDANDO O PAI NA ROÇA, IZAMARA CONTA QUE É FELIZ MORANDO NA LOCALIDADE DE FORQUILHA DO RIO, EM DORES DO RIO PRETO

campo é o sossego. "Tenho tudo o que preciso aqui: internet, tv digital e o mais importante, tenho sossego, paz e essa paisagem linda. Vivo bem e feliz aqui. Na cidade, o ritmo de vida seria outro e talvez não fosse tão feliz", continua.

Aos 21 anos, ela trabalha com o pai na colheita do café, ajuda no terreiro, na armazenagem e nos afazeres de casa. "Never ouvi ne-

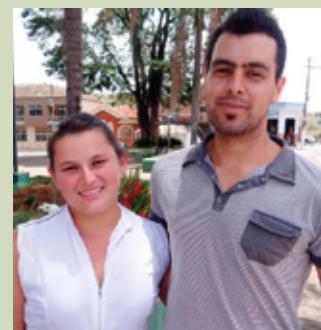
hum colega de escola me criticar e nunca me questionaram pelo fato de querer continuar na roça. Por mais dificuldade que tenhamos, a vida no campo é tranquila e isso na cidade não tem. E ainda tem minha família. Tenho uma irmã mais nova e sempre converso com ela sobre a importância de continuarmos aqui e dar sequência ao trabalho de nossos pais", conclui Izamara.

"FUI PARA A CIDADE, GASTEI O QUE TINHA E VOLTEI PARA A ROÇA RECOMEÇAR DO ZERO"

A experiência de Felipe Barberino traduz a realidade de muitos jovens que saem da roça e não alcançam o desejado sucesso na cidade. O produtor rural garante que hoje nem pensa em planejar sua vida longe da propriedade rural da família. Felipe e sua esposa Taynara Faria cultivam flores no interior de Guaíba.

"Não tenho mais a ilusão de sair da roça. Meu lugar é aqui. Saí da

propriedade dos meus pais e perdi todas as minhas economias com uma vida na cidade que não me levou a nada, pelo contrário, ao invés de prosperar, andei para trás. Os gastos na cidade são muitos. Na roça, a qualidade de vida é muito melhor, porque além de produzirmos muito do que consumimos, gastamos muito pouco. Muita gente não faz essa conta, mas ganhamos muito mais na roça", conclui.



SISTEMA



PRODUÇÃO CAPIXABA DE TILÁPIA AUMENTA 500% NO ES

EM CONCEIÇÃO DO CASTELO, PRODUTOR OBTEVE CRESCIMENTO APÓS TREINAMENTO DO SENAR-ES

Nos últimos anos, a tilápia conquistou considerável prestígio entre os consumidores e isso impulsionou a expansão da piscicultura. A quantidade de reservatórios e lagoas de água doce espalhadas pelo território capixaba incentiva o desenvolvimento da atividade levando à diversificação na renda de muitas famílias.

O estado possui clima favorável e uma boa disponibilidade hídrica. No caso da tilápia, seu cultivo é promissor tanto em tanques escavados como em tanques-rede. Para incentivar os produtores interessados neste mercado, o Senar-ES oferece treinamentos importantes como "Piscicultura em Tanque-rede" e "Tanque Escavado" e de "Carcinicultura".

Em Conceição do Castelo, o produtor Gleidson Lotorio Cardoso comemora sua evolução desde que se capacitou em 2014, na primeira turma do Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), treinamento oferecido pelo Senar-ES em parceria com o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), Ministério da Educação (MEC) e Senar Administração Central. Em seguida, ele abriu uma agroindústria e viu sua produção sair de quatro toneladas por ano para 20.

"Notei que era possível produzir mais e melhor e adquiri técnicas que resultaram em aumento significativo de minha renda. Fui muito incentivado pelo instrutor do treinamento, Fabiano Giore, o que foi primordial para acreditar que o negócio daria certo. No início eu fazia o filé da tilápia e vendia pequenas quantidades. Em seguida, com a agroindústria, legalizei o negócio e, hoje, comercializo até para outros municípios", conta Cardoso, que vende sua produção para supermercados e restaurantes de Cachoeiro de Itapemirim, Conceição do Castelo e Muniz Freire.

Explicando o aumento significativo da produção de Gleidson, o instrutor de Aquicultura e de Processamento de Pescado do Senar-ES, Fabiano Giore, ressalta que é gratificante participar da formação dos produtores. "Fico muito feliz e realizado, não só pelo trabalho que desenvolvemos, mas ao ver que o que foi ensinado deu bons frutos. Além de trazer mais renda para uma determinada família, a comunidade em volta se engaja e se desenvolve em conjunto", explica.

Gleidson possui dois tanques escavados, um de 4 mil metros e outro de 800 metros. No menor, a produção de camarão da Malásia foi implantada em setembro de 2015. A previsão é que em março a produção seja de 400 quilos do crustáceo.



CAPACITAÇÃO

Grande incentivador aos produtores, o instrutor é fundamental no processo de construção de conhecimento no campo. A superintendente do Senar-ES, Letícia Simões, explica que todo trabalho se inicia na seleção. "O processo de seleção dos instrutores é fundamental para o sucesso das ações. Todos os instrutores passam por seleção e capacitação metodológica, sendo avaliados pela Administração Central, e possuem experiência profissional e um bom currículo. O profissional precisa gostar de transmitir conhecimento. O restante é aguardar para que sejam colhidos os frutos dessas capacitações. Os bons instrutores são fundamentais para contribuir com o sucesso dos nossos alunos".

Letícia ainda completa que exemplos como o de Gleidson, é a certeza do alcance dos objetivos da instituição. "A capacidade dos produtores que participam de nossos cursos e treinamentos, em produzir alimentos de melhor qualidade, tendo uma renda satisfatória que permita a melhor qualidade de vida no campo, atendendo ao mercado consumidor que a cada dia exige maior qualidade, respeito ao meio ambiente, proporcionando também a geração de empregos formais no campo é muito gratificante. Reforça que estamos fazendo a nossa parte".



FLONA PACOTUBA

PROTEÇÃO EFETIVA PARA A MATA ATLÂNTICA EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

NO SUL DO ESTADO, EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM, NO DISTRITO DE PACOTUBA, ESTÁ LOCALIZADA A FLORESTA NACIONAL PACOTUBA COM APROXIMADAMENTE 450 HECTARES, É A SEGUNDA MAIOR UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DO MUNICÍPIO

GUILHERME GOMES
✉ safraes@gmail.com

A Mata Atlântica abriga parte significativa da diversidade biológica do Planeta. Ela distribui-se ao longo da Costa Atlântica e ocupa 17 estados, aproximadamente 15% do território brasileiro. Contemplando uma grande variedade de climas, relevos, plantas e animais. Apesar de ser reconhecida como um dos biomas de maior biodiversidade do mundo, as florestas, mangues e restingas da Mata Atlântica vêm sofrendo grandes ameaças.

A fragmentação dos ecossistemas, os desmatamentos, as queimadas, a especulação imobiliária e a mineração predatória vêm trazendo consequências para a conservação das espécies e para a vida da população. No Espírito Santo, que tem todo o seu território nesse bioma, a situação é a mesma. Segundo dados recentes da SOS Mata Atlântica, o Estado possui aproximadamente 11% de remanescentes o bioma da Mata Atlântica.

Ao sul do Estado, em Cachoeiro de Itapemirim, no distrito de Pacotuba, está localizada a Floresta Nacional (Flona) de Pacotuba com aproximadamente 450 hectares, é a segunda maior Unidade de Conservação do município. Destaca-se como um dos mais significativos fragmentos de Floresta Atlântica Estacional Semidecidual, e torna-se ainda mais importante por sua localização no centro do Corredor Ecológico Burarama-Pacotuba-Cafundó.

Em 2002 ações concretas para transformar a área em Unidade de Conservação foram realizadas. Uma consulta pública, por parte do Ibama,



Fotos PÂMELA KOPPE

Na Flona Pacotuba, até março/2016, 337 matrizes (espécies de plantas) foram marcadas e a expectativa é que em pouco menos de um mês se alcance o número de 400 matrizes, meta inicial do projeto.

realizada em agosto de 2002, onde foi distribuído um documento intitulado “Notas e justificativas para a criação das Flonas de Pacotuba e de Goytacazes”, são apontadas as justificativas para transformação da área em Unidade de Conservação na categoria Flona. Em 13 de dezembro de 2002, parte da área da Fazenda Experimental Bananal do Norte foi transformada na Flona de Pacotuba, que atualmente é gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

De acordo com o chefe da Flona Pacotuba, Alfredo Antônio Neto, os objetivos da instituição são os “de promover o manejo de uso múltiplo dos recursos naturais, a manutenção e a proteção dos recursos hídricos e da biodiversidade e recuperação de áreas degradadas, a educação ambiental, bem como o apoio ao desenvolvimento de métodos de exploração sustentável dos recursos naturais das áreas limítrofes”.

A bióloga Aline Lobato, que atua na unidade, relata que logo após a

criação da Flona, uma das primeiras medidas de manejo foi a recuperação de áreas degradadas com o plantio de espécies nativas. No entanto, os trabalhos desenvolvidos ganharam maior expressividade no ano de 2009, através uma parceria com a Odebrecht Ambiental, instituição membro do Conselho Consultivo da Unidade e concessionária de água do município. “São aproximadamente 20 hectares de áreas recuperadas. Usamos diferentes metodologias de espaçamento, de espécies, uso de poleiros artificiais para atrair fauna, tudo visando a recuperação do ambiente, até mais, a restauração dos elementos ecológicos”, completou Aline.

Em 2015, a Unidade lançou o Programa Sementes da Flona de Pacotuba, que em sua primeira fase tem o objetivo de desenvolver ações para subsidiar a colheita de sementes florestais na unidade. “Nós começamos a perceber a pouca disponibilidade de mudas de certas espécies para os plantios e ao mesmo tempo,

o grande potencial da Flona em oferecer sementes de boa qualidade para a produção de mudas na restauração de sua própria área e áreas do entorno". completou a bióloga.

No ano do lançamento, o Programa capacitou vinte pessoas para a marcação das matrizes florestais, entre alunos de Biologia e Engenharia Florestal de instituições da região e funcionários da Flona. Até o momento, 337 matrizes foram marcadas e a expectativa é que em pouco menos de um mês se alcance o número de 400 matrizes, meta inicial do projeto. As matrizes marcadas seguem os critérios mínimos para marcação de matrizes florestais da Rede de Sementes Florestais do entorno do Caparaó e bacia do rio Itapemirim, da qual a Flona faz parte. Com os dados coletados até o momento, já foram elaborados mapas com distribuição das espécies e banco de dados com informações sobre cada matriz. Em 2016, a principal meta da Unidade é o estudo mensal da fenologia de cada matriz, o acompanhamento do estado reprodutivo dela, com registros de possíveis variações de cada espécie selecionada. (Fenologia é a forma contraída de "Fenomenologia", ramo da Ecologia que estuda os fenômenos periódicos dos seres vivos e suas relações com as condições do ambiente, tais como temperatura, luz e umidade).

CORREDORES ECOLÓGICOS

O Projeto Corredores Ecológicos é uma iniciativa inicialmente proposta pelo Ministério do Meio Ambiente e executada pelo Governo do estado do Espírito Santo, sob a supervisão da Reserva da Biosfera. O Projeto tem como objetivo reduzir a fragmentação da Mata Atlântica de forma a permitir o deslocamento de animais silvestres e a dispersão de sementes, aumentando a cobertura vegetal e possibilitando a conservação dos recursos naturais e da biodiversidade.

O projeto contou com colaboração de órgãos internacionais, em âmbito federal selecionou o Corredor Central da Mata Atlântica, alcançando regiões da Bahia e totalidade do Espírito Santo. Foram realizadas várias atividades para aumentar a cobertura florestal desse corredor, e também conectar pessoas e instituições para trabalharem juntas.



GRANDE PARTE DOS CUSTOS DE MANUTENÇÃO E AMPLIAÇÃO DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DA FLONA PACOTUBA VEM DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL DE PROJETOS QUE TEM POTENCIAL POLUIDOR OU DE DEGRADAÇÃO

No estado, foram estipulados dez corredores prioritários, reafirmando a importância estratégica junto com a Flona Pacotuba, como parte fundamental de uma das 10 áreas pilotos do projeto. Denominada Corredor Burarama / Pacotuba / Cafundó, com a ideia inicial de ligar a Floresta Nacional de Pacotuba à Reserva Particular do Cafundó, sendo adicionada, ainda, no início do projeto, uma adequação à comunidade de Burarama. No Estado, foram criados dez corredores prioritários. Reafirmando a importância estratégica junto com Flona de Pacotuba, como parte fundamental de uma das 10 áreas piloto do projeto. Denominou Corredor Burarama / Pacotuba / Cafundó, com a ideia inicial de ligar a Floresta Nacional de Pacotuba à Reserva Particular do Cafundó. Sendo adicionada, ainda, no início do projeto, uma adequação a comunidade de Burarama.

Destaca-se ainda dentro deste projeto, que este corredor foi um dos

primeiros a ser implementado, iniciando os primeiros plantios em 2007, para formação de micro-corredores buscando sua ligação entre os remanescentes de vegetação preservada em seu entorno. O corredor Burarama / Pacotuba / Cafundó foi considerado dos mais efetivos, principalmente no que se refere à articulação com instituições e comunidades locais. O Projeto também contribuiu com equipamentos, apoio a fiscalização, veículos, computadores e estruturação de várias unidades de conservação no estado.

GRUPO BICO DO MATO

O Projeto Corredores Ecológicos assumiu um papel muito importante no fortalecimento da parceria com o Grupo Bicho do Mato, realizando uma série de atividades que contribuíram para o estabelecimento desta relação. O Grupo é composto



por membros da comunidade Quilombola Monte Alegre e teve início dos trabalhos no ano de 2006.

É um projeto de fortalecimento do turismo de base comunitária, onde se faz a condução de visitantes (escolas, faculdades, grupos diversos) em trilhas pela Floresta Nacional de Pacotuba e é de fundamental importância para gerar renda para a comunidade. Os agendamentos para visitas à floresta são feitos diretamente com o Grupo Bicho do Mato, pelo email bichodomata@hotmail.com ou pelo telefone (28) 99917-0842, com o líder do grupo, Leonardo Ventura. Em 2006 o projeto recebia aproximadamente 800 visitantes por ano, hoje já são cerca de 3000 visitantes, sendo grande parte deles escolas públicas e particulares que fecham datas durante todo o ano. Nas trilhas são cobrados apenas pelos serviços (condutor, lanches, transporte, almoço). É um projeto de uso sustentável, em parceria com a Flona que ajuda na divulgação da Unidade e conservação da floresta.



Tamandua-mirim, um dos animais que habitam a área da Floresta de Pacotuba

MAIS PROJETOS

No ano de 2015 a Flona foi alvo de um projeto da Polícia Ambiental em parceria com a Prefeitura de Cachoeiro e 18 escolas do município. No projeto, 1464 alunos participavam de atividades em sala de

aula com os professores e a equipe da Polícia Ambiental e em campo, nas trilhas da Flona, vivenciavam o que aprendiam em sala. "Foi gratificante ver que as aulas de campo eram importantes para os alunos, pois estavam conhecendo um ambiente novo. Muitos deles nunca tinham

DORIGO
IRRIGAÇÕES

MÁQUINAS AGRÍCOLAS E EQUIPAMENTOS HIDRÁULICOS

Inovando para um mundo melhor

Av. Aristides Campos, n. 104 - loja 02 - Santo Antônio
Cachoeiro de Itapemirim - ES. dorigoirrigacoes@hotmail.com
www.dorigoirrigacoes.com.br

entrado em uma floresta. Assim como para os professores, que renovavam seus conhecimentos a cada visita. Para a Flona é de total interesse que projetos como esse tenham continuidade”, completou Aline.

Para 2016 a Flona Pacotuba está se estruturando fisicamente. Apesar de ter sido criada em 2002, só agora conta com sede própria e sua organização profissionalizada. “A expectativa é que nos consolidemos e nos tornemos referência nas atividades de manejo florestal sustentável, educação ambiental e atividades de uso público”, confirma Alfredo Neto.

A Unidade conta com uma base de apoio do Programa de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais, construída com apoio da Cerâmica Cimaco, sede administrativa e a expectativa de futuramente construir um centro de visitantes, para fortalecer o uso público da Unidade, além de alojamento de pesquisadores e mini laboratório, para apoiar as diversas pesquisas que vem sendo realizadas na unidade.

ALFREDO ANTÔNIO NETO, CHEFE DA FLONA PACOTUBA

“A administração da Unidade de Conservação da Flona de Pacotuba é feita pelo ICMBio - Instituto Chico Mendes em continuidade ao trabalho do Ibama. O Ibama foi desmembrado e ficou a cargo da fiscalização e do licenciamento ambiental federal. As unidades de conservação e os projetos ambientais como Projeto Baleia Jubarte e Tamar, por exemplo, ficaram a cargo do ICMBio.

Grande parte dos custos de manutenção e ampliação da Unidade da Conservação da Flona de Pacotuba vem do licenciamento ambiental de projetos que tem potencial poluidor ou de degradação, como, por exemplo, empresas de pedras ornamentais, que têm atividades bastante impactantes e que causam considerável nível de degradação. Vale ressaltar que o setor de licen-



cimento dos governos sejam municipais, estaduais e federais impõem no licenciamento além da recomposição da degradação ambiental feita pela atividade condicionante ambiental que visam a operacionalização das Unidades, sejam elas municipais ou estaduais, aqueles localizadas onde acontecem o impacto.

A Unidade de Conservação da Flona de Pacotuba se coloca à total disposição para o atendimento a produtores rurais sobre plantio e o fornecimento de espécies de sementes e modelos de reflorestamento”.



**VENHA CONHECER
O LANÇAMENTO
MUNDIAL DA FORD:
NOVA FORD RANGER 2017
NA DICAUTO**

. ASSISTÊNCIA TÉCNICA . PEÇAS E SERVIÇOS COM A GARANTIA DE QUALIDADE FORD . CONDIÇÕES DIFERENCIADAS PARA PRODUTORES RURAIS

DICAUTO

Antes de fazer qualquer negócio, consulte a Dicauto / BR 482, Km 95 • Tel. (28) 3553-1415 • Guacuí-ES

FUNSAF MUDA A REALIDADE DE FAMÍLIAS ASSENTADAS NO ESPÍRITO SANTO

O FUNDO CONTRIBUIRÁ PARA A GERAÇÃO DE RENDA DAS FAMÍLIAS RURAIS. O VALOR DO INVESTIMENTO DO GOVERNO DO ESTADO SERÁ INICIALMENTE DE R\$ 2,171 MILHÕES

ALISSANDRA MENDES

 safraes@gmail.com

O Fundo Social de Apoio à Agricultura Familiar (Funaf) habilitou sete projetos de associações e cooperativas de famílias que vivem em assentamentos rurais capixabas. Eles receberão investimento do governo do estado no valor de R\$ 2,171 milhões. O apoio financeiro será destinado à produção, agroindustrialização, beneficiamento e comercialização de produtos. Com isso, centenas de famílias de norte a sul do Espírito Santo serão beneficiadas.

Os projetos habilitados foram os do Assentamento Florestan Fernandes, em Guaçuí e Assentamento Nova Safra, em Itapemirim, os dois do sul do Estado; Assentamento Rio Quartel, em Linhares; Assentamento Padre Pedro, em Mantenópolis; Assentamento Oziel Alves, em Montanha; Assentamento Castro Alves, em Pedro Canário; e Assentamento Tomazzini, em Santa Teresa, no norte do Espírito Santo.

As associações comemoraram a divulgação do Edital e vivem a expectativa de receber o investimento. A Associação de Rádio Comunitária do Assentamento Florestan Fernandes (ARCAFF), em Guaçuí, usará o investimento para a construção de uma usina de beneficiamento de frutas. O tesoureiro da Associação, William Gilfargi contou que ao todo, 25 famílias do assentamento serão beneficiadas.

“O projeto vai beneficiar quase 60 pessoas. Vamos fazer um planejamento para organizar as famílias



O tesoureiro da Associação do Florestan Fernandes, William Gilfargi contou que o Assentamento receberá uma usina de beneficiamento de frutas.

para que todos possam trabalhar e ter uma nova oportunidade. Vamos procurar o Senar e o Sebrae para nos qualificar para este novo momento. Sabemos que não é fácil montar uma agroindústria e entrar nesse mercado tão competitivo”, comenta William.

Assentados desde 2003, o tesoureiro conta que esse investimento marca um novo momento para os moradores do Florestan Fernandes. “Principalmente, na autoestima das pessoas, por saberem que não estão esquecidas. Hoje, existe um projeto e o nosso trabalho, que será divulgado entre outros assentamentos. A perspectiva é

melhorar a vida dos assentados e tentar manter os jovens no campo, para dar continuidade ao trabalho que vem sendo feito”, continua.

Segundo William, a produção da polpa de fruta vai gerar uma renda mensal fixa para os moradores do assentamento. “Vamos atrair os jovens que deixaram o campo, que agora podem retornar. A nossa primeira conquista foi quando ganhamos a terra. Essa é a nossa segunda conquista. A união dos produtores mostrou a força da associação e isso serve para aprendermos que só conseguimos alguma coisa quando nos unimos e corremos atrás”, completa.

AS ASSOCIAÇÕES E ASSENTAMENTOS CAPIXABAS COMEMORARAM A DIVULGAÇÃO DO EDITAL DO FUNSAF E VIVEM A EXPECTATIVA DE RECEBER O INVESTIMENTO

'PENSAMOS NO FUTURO DA NOSSA JUVENTUDE'

A história dos moradores do Assentamento Florestan Fernandes começou em 2000, quando o êxodo rural passou a ser a principal preocupação entre os produtores e também de quem morava nas cidades. Assim, um grupo de 180 famílias de trabalhadores rurais do município resolreu lutar pela conquista da terra e decidiram entrar para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Foram três anos acampados próximo à Fazenda Castelo, localizada no interior de Guacuí.

Ao longo desses anos, algumas famílias desistiram e voltaram para suas casas, mas um grupo permaneceu e recebeu o decreto de desapropriação, beneficiando 34 famílias, num total de 120 pessoas. Outras 27 famílias foram assentadas em uma fazenda desapropriada no município de Apiaçá.

Em 2006, três anos após estarem assentados, os produtores começaram com as obras de infraestrutura e implantação de lavouras. "Não foram anos fáceis. Larguei meu emprego de carteira assinada na cidade para tentar melhores oportunidades para a minha família. Deixei minha mulher e meus filhos e fiquei acampado sozinho. Foram 13 despejos e mudanças de local e tivemos que resistir. Foi uma felicidade quando recebemos o documento. Entrei capinando, não tinha nada aqui. Começamos do zero", conta o produtor José Lúcio Januário Coutinho.

A esposa Aparecida de Fátima Coutinho Palermo esteve junto do marido e relembra as dificuldades. "Eram muitas. Foi uma luta de todos nós juntos. Não tínhamos medo, pois um ajudava o outro. Mas a alegria de receber esse pedaço de terra e poder trabalhar superou tudo. Começamos plantando feijão, milho e banana e depois fomos diversificando", comenta.

O início na propriedade também foi difícil. As famílias precisavam ter renda para alimentar os filhos e tinham que se virar. "Eu pescava e vendia peixes, comprava alguma coisa e trazia para comer. Hoje, produzimos verduras, frutas e fazemos feira, o que ajuda e muito na renda", explica José Lúcio.

A implantação da usina marca um novo momento na história da família. "Agora vamos ter como aproveitar essas frutas. Temos goiaba, acerola, seriguela, maracujá, laranja, graviola, banana e agora tudo será enviado para a fábrica. Ainda não podemos entrar na merenda escolar, porque ainda não temos o selo", continua Aparecida.

Segundo eles, valeu a pena cada esforço. "Foi sofrido, mas valeu a pena cada dia que passamos. Hoje, podemos ver o que temos. Além da paz que temos aqui. As pessoas acham que somos baderneiros, mas nosso objetivo sempre foi ter uma terra para trabalharmos. Ainda lutamos juntos e devagar vamos conquistando os nossos objetivos", completa José Lúcio.



USINA MARCA NOVO MOMENTO NO ASSENTAMENTO

A implantação da usina de beneficiamento de frutas no assentamento Florestan Fernandes marca um novo momento na vida das famílias que moram no local.

"A usina é uma nova esperança. Teremos uma renda melhor e vamos poder plantar mais. Dos 13 anos que estamos aqui, esse é o nosso melhor momento. Que-

remos ter uma vida melhor", disse o produtor Ailton Soares Rafael.

Ele a esposa, Marilza de Carvalho Rafael criaram os filhos na propriedade. "Temos quatro filhos. Três se

casaram e foram embora. Tenho certeza que se tivesse a fábrica no começo, eles estariam aqui. Somos realizados hoje. Valeu a pena. Não sei o que seria dos meus filhos se tivessem sido criados na cidade”, comenta Marilza.

Mas, no início nada foi fácil para eles. “Quando surgiu o acampamento, logo vim. Na cidade, não era todo dia que tinha emprego. Enfrentamos muitas dificuldades e principalmente, o preconceito. As pessoas não entendiam que estávamos correndo atrás dos nossos direitos. Quando recebemos o documento, a primeira coisa que fiz aqui foi meu barraquinho, e ainda trabalhava fora para colocar comida em casa”, explica Ailton.

Além de vender os produtores na feira, eles fornecem frutas, verduras e legumes para as escolas de Guaçú e São José do Calçado. “Temos também a agroindústria. Somos oito mulheres lá. Até o ano passado, fazíamos pães e biscoitos e mandávamos para as escolas. Neste ano, ainda não estamos fornecendo. Estou sentido falta, porque era uma renda extra”, explica Marilza.



Ailton Soares Rafael e a esposa Marilza de Carvalho Rafael estão assentados no Florestan Fernandes há 13 anos.

A expectativa é grande para a chegada da usina. “Vamos plantar mais

para aumentar a colheita. A usina vai mudar muita coisa”, finaliza o casal.

INVESTIMENTO VAI BENEFICIAR 40 FAMÍLIAS NO NORTE DO ESTADO

A Associação Padre Pedro, do distrito de São José de Mantenópolis, em Mantenópolis, no norte do Estado, também foi uma das habilitadas no Edital do Funsaf e vai receber um caminhão com carroceria de madeira. A expectativa é grande entre as 40 famílias beneficiadas diretamente com o investimento.

De acordo com o presidente, Diego Gonçalves Barbosa, o caminhão vai ajudar os produtores na safra de café. “Vivemos basicamente do café aqui na região e os pequenos produtores vão conseguir diminuir as despesas com frete de caminhões. Além disso, temos o projeto de implantar uma fábrica de farinha e o caminhão poderá nos atender no transporte”, comenta.



A expectativa é grande entre as 40 famílias beneficiadas diretamente com o investimento em Mantenópolis, no norte do estado

Além desse benefício, o caminhão ajudará no transporte de adubo. “Hoje, compramos de atravessadores por causa do transporte. Agora que teremos

novo próprio caminhão, vamos comprar direto do fornecedor e com um preço mais baixo, com isso, diminuindo bastante os nossos gastos”, continua.

Os produtores do Assentamento Padre Pedro também fazem parte da Associação. "Cheguei aqui em 2000 e eles chegaram com o acampamento logo em seguida. Ficaram quatro anos em barracas, até que as terras fossem desapropriadas. Somos vizinhos e temos uma boa relação. São pessoas simples e que trabalham muito em suas propriedades", explica o presidente.

Diego ressaltou ainda que os produtores associados estão buscando diversificar as atividades. "Muitos já estão investindo em hortaliças e na fruticultura. Os agricultores vendem os produtos na feira e fornecem para a alimentação escolar. Queremos produzir alimentos com qualidade e buscamos isso constantemente", frisa o produtor.



Os produtores associados vivem a expectativa da chegada do caminhão, que vai ajudar no escoamento da produção.

O presidente contou que os investimentos começaram a chegar neste ano. "O Sindicato Rural é nosso grande parceiro. É bom saber que estão olhando para o pequeno produtor. Agora vamos atrás do in-

vestimento do maquinário da fábrica de farinha. Já começamos a plantar a mandioca e estamos buscando um produto com qualidade. Com certeza, estamos vivendo um novo momento no campo", completa Diego.

Medições de Propriedades Rurais e Urbanas, Recadastramento de Imóvel Rural (CCIR/INCRA), Implantação e regularização de loteamentos, Georreferenciamento, Levantamentos Topográficos para Regularização Fundiária.

CAR

CADASTRO AMBIENTAL RURAL
Agilize o processo de

Regularização

Ambiental
do seu imóvel rural



TOPOGRAFIA
1973

Rua Emiliana Emery, nº 82
Centro, Guaçuí - ES | CEP 29560-000

28 3553 152

DESAFIOS DA COMERCIALIZAÇÃO DE QUEIJOS ARTESANAIS

1º PAINEL RURAL PROMOVE DISCUSSÃO SOBRE LEGISLAÇÃO PARA PRODUÇÃO DE QUEIJOS COM LEITE CRU

História e tradição definem o queijo artesanal. Fonte de renda e sobrevivência econômica e do modo de vida de milhares de famílias em diferentes regiões do país, o produto movimenta a economia de pequenos municípios, mas ainda encontra gargalos para seu reconhecimento, fabricação e comercialização.

Para apresentar as dificuldades na legislação para queijos artesanais, produtores capixabas participaram do 1º Painel Rural, dia 30 de março, realizado pela Federação da Agricultura e Pecuária do Espírito Santo, pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do ES e pelos Sindicatos Rurais - Sistema FAES/SENAR-ES/Sindicatos Rurais. O evento contou com a palestra do presidente da Associação Regional dos Produtores de Queijo da Canastra (Aprocac), João Carlos Leite.

Cerca de 400 produtores capixabas compareceram ao Cerimonial Itamaraty Hall, em Vitória, para aprender e entender como o cobiçado queijo da Serra da Canastra, em Minas Gerais, se tornou um artigo gourmet e com preço tão rentável aos produtores mineiros.

João Carlos Leite descreveu a trajetória dos produtores de queijo da Serra da Canastra, desde 2002 até alcançar a autorização para comercializar legalmente seu produto em todo o estado. E, segundo Leite, hoje a luta é para conseguir autorização para vender o queijo Canastra para todo o Brasil.

“Em junho de 2015, reunimos dez estados produtores de queijos artesanais do Brasil, montamos uma proposta de legislação e protocolamos no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Nossa intenção é que o Governo reconheça que a produção artesanal de queijos



O palestrante João Carlos Leite



Presente ao evento, o presidente do IDAF, José Maria de Abreu Junior

com leite cru precisa de mudanças nos critérios de fiscalização, e que não podem ser tratados com o mesmo peso dos laticínios de médio e grande porte. As exigências da legislação devem estar de acordo com as características da produção”, frisou o palestrante.

Segundo o presidente da FAES, Júlio Rocha, “este foi o 1º Painel Rural, e o Sistema FAES/SENAR-ES/Sindicatos Rurais promoverá outros encontros, trazendo profissionais reconhecidos

para tratar de assuntos relevantes para o setor do agronegócio do Espírito Santo”. Já a superintendente do SENAR-ES, Letícia Toniato Simões, ressaltou que “a atividade leiteira no estado ocorre na maioria dos produtores rurais capixabas, e que a produção e comercialização de queijos artesanais é uma forma de melhorar a renda e a qualidade de vida dessas famílias”.

O presidente do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do ES



A superintendente do SENAR-ES, Letícia Toniato Simões



Dr. Júlio Rocha, presidente da FAES

Fotos ANDRÉ FORTES

(Idaf), José Maria de Abreu Júnior, ponderou a importância da parceria com o Sistema para desenvolver a agroindústria no estado, e informou que em um mês estará pronta uma nova legislação para regularizar a agroindústria no Espírito Santo.

Pensando em apoiar o estado de Minas Gerais com a mobilização da Lei que está no Senado, e com foco no desenvolvimento dos pequenos produtores de queijo capixabas, a FAES reforçará o pedido de alteração da legislação, junto ao MAPA.

QUEIJO DA SERRA DA CANASTRA

O queijo da Serra da Canastra é produzido há mais de 200 anos, carrega com ele muita cultura, história e tradição, por isso conseguiu o selo de indicação geográfica, com produção certificada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), sendo considerado como



Com a palavra, o subsecretário estadual de Agricultura Marcelo Suzart de Almeida

patrimônio imaterial do Brasil. Hoje possui admiradores, não só no Brasil, como em outros lugares do mundo.

Em Minas Gerais, segundo dados do IPHAN, cerca de 30.000 famílias vivem da produção de queijos artesanais, incluindo o da Serra da Canastra que se tornou um grande exemplo de empreendedorismo, organização, agregação de valor e construção de uma identidade regional a ser aprendido. O preço do quilo do queijo na região varia de R\$ 35 a R\$ 60.

*Texto: Iál Comunicação
Lorena Zanon /Mônica Caser*



Auditório lotado com representativa presença de mulheres

TOCA DA TRUTA: PIONEIRA NA CRIAÇÃO DE TRUTAS NO ESPÍRITO SANTO



O PROJETO PARA CRIAÇÃO DE TRUTAS INICIOU-SE EM 1992. ATUALMENTE, A PRODUÇÃO GIRA EM TORNO DE 24 TONELADAS POR ANO E ABASTECE O RESTAURANTE E O PESQUE-Pague QUE FUNCIONAM NO LOCAL, DIARIAMENTE, DE SEGUNDA À DOMINGO.

INFORMAÇÕES: 28 99222 0483





REPORTAGEM ESPECIAL

CULTIVOS QUE VALEM OURO

GENGIBRE, CACAU E PIMENTA-DO-REINO SE DESTACAM NA
GERAÇÃO DE DIVISAS DO AGRONEGÓCIO CAPIXABA E MOSTRAM
QUE A DIVERSIFICAÇÃO PODE SER SINÔNIMO DE RIQUEZA

LEANDRO FIDELIS / FOTOS LEANDRO FIDELIS

✉ safraes@gmail.com

As oscilações de preço e o mercado tradicional inflacionado costumam premiar alguns produtos agrícolas como recordistas da cotação nos principais postos de abastecimento do país. Em um dos casos de maior repercussão, em 2014, o Brasil viu o tomate valer “ouro” para, em março deste ano, amargar a primeira colocação entre os alimentos com a maior redução de preços (21,22%), segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE).

No Espírito Santo, pelo menos três produtos vêm mantendo bons preços e animando os produtores. É o caso do gengibre, do cacau e da pimenta-do-reino. Enquanto os primeiros contribuíram em 2015 para o Produto Interno Bruto- PIB estadual, a pimenta-do-reino é uma das atividades agrícolas de maior rentabilidade e tornou o Estado o segundo produtor e exportador nacional. No ano passado, o preço do quilo atingiu a faixa dos R\$ 30.

A pimenta-do-reino continua sendo um dos principais destaques positivos da pauta de exportações capixaba. De acordo com Aureliano Nogueira da Costa, gerente de Agroecologia e Produção Vegetal da Secretaria de Estado da Agricultura- Seag, o produto seguiu aproveitando o bom momento do dólar e o aumento do preço médio internacional. Na contramão do que foi observado em outros produtos, a pimenta-do-reino registrou sucessivas altas no preço médio internacional (de US\$ 8,24, em 2014, para US\$ 9,13 o quilo, em 2015).

No ano passado, as exportações de pimenta-do-reino geraram uma receita cambial de US\$ 108 milhões, um expressivo aumento de 46,8% em relação ao valor exportado em 2014. O volume das exportações também cresceu significativamente: um aumento de 32,5%, com comercialização de 11,8 mil toneladas em 2015.

Na terceira colocação entre os produtos da pauta de exportações, o gengibre ocupa um espaço importante na diversificação de culturas da região serrana. O Estado é o maior



O Estado é o segundo maior produtor e exportador nacional de gengibre.

produtor e exportador nacional da raiz, com um produto reconhecido nacional e internacionalmente pelo excelente padrão comercial. O maior polo de produção fica nos municípios de Santa Maria de Jetibá e Santa Leopoldina. A região montanhosa, com altitude média de 600 metros, é retalhada por pequenos sítios onde o café se destaca como a cultura mais importante.

Segundo o coordenador do polo de gengibre, João Paulo Ramos, extensionista do Instituto Capixaba de Assistência Técnica, Pesquisa e Extensão Rural- Incaper, no ano passado mais de mil produtores colheram cerca de 10 mil toneladas. O mercado interno absorve 20%, e o restante vai para a Europa e Estados Unidos. Mais recentemente, os produtores de Santa Leopoldina procuraram o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas- Sebrae/ES com o objetivo de conseguir apoio para o fomento e desenvolvimento da atividade.

ALTERNATIVA PARA MANTER BOM PREÇO DO CACAU

O cacau também é destaque na cadeia produtiva capixaba, mas as

exportações da sua amêndoia e dos produtos derivados apresentaram redução tanto em volume quanto em divisas em 2015, segundo a Seag. No ano passado, foram exportadas 3,9 mil toneladas contra 5 mil toneladas em 2014. A receita cambial obtida com as exportações do produto também caiu, de US\$ 26,8 milhões, em 2014, para US\$ 20,7 milhões, em 2015.

As plantações de cacau ocupam cerca de 23 mil hectares com produção aproximada de 4.600 toneladas por ano. O maior produtor é o município de Linhares, que concentra perto de 90% da área total. De acordo com o Incaper, a atividade cacauícola está presente em 48 municípios de norte a sul do Estado.

Agregar valor para aumentar o lucro e promover a redenção da cacauicultura capixaba estão entre as metas dos produtores para colocar a fruta na ponta da cadeia produtiva. A devastação das plantações pela doença vassoura de bruxa, há 15 anos, provocou um espírito de união entre os produtores, fortalecendo a atividade. Assim, surgiram a Associação dos Cacaueiros de Linhares- Acal, com importante papel político na região; e, mais recentemente, a Cooperativa dos

Produtores de Cacau do Estado do Espírito Santo- Coopercau.

Segundo o presidente da Coopercau, Emir de Macedo Gomes Filho, a diretoria da Nestlé se reuniu com a cooperativa e demonstrou interesse em comprar toda a produção da Coopercau, prestar assistência técnica e ainda pagar prêmio por qualidade aos cooperados. "Eu já estou fazendo chocolate com minhas próprias amêndoas. Acredito que o caminho para o lucro passa pela agregação de valor ao produto. Nosso objetivo é transformar as fazendas de cacau em fazendas de chocolate", afirma.

Outra boa notícia é o apoio da Prefeitura de Linhares, que vai doar um terreno para a construção da sede da cooperativa. "Estamos avançando e fazendo progressos."

Na região sul capixaba, o cacau já está sendo uma nova alternativa de receita, mas, para Emir, falta apoio

dos governantes. "Eu acredito que, com determinação dos produtores e apoio do poder público, podemos colocar a cacaicultura no patamar de onde nunca deveríamos ter saído, novamente como produto tipo exportação, gerando riqueza, empregando e preservando o meio ambiente", finaliza o produtor.

Para Emir, o preço médio atual da saca, R\$ 630, embora satisfatório, ainda não é suficiente para cobrir os investimentos depois da vassoura de bruxa, entre eles o sistema SAF, em consórcio com a seringueira. E com a pior seca dos últimos 40 anos no Estado, a quebra de produção foi grande, mas as expectativas são boas. "Os especialistas dizem que até 2020 teremos um déficit de 1 milhão de toneladas. Quem atravessar a crise e sobreviver vai ganhar dinheiro mais adiante", anima-se. A safra principal começa em setembro.

O CACAU MANTÉM O PREÇO DA SACA SATISFATÓRIO, MAS AINDA NÃO É SUFICIENTE PARA OS PRODUTORES COBRIREM OS INVESTIMENTOS DEMANDADOS PELA VARREDURA DA VASSOURA DE BRUXA

FOTO LÉO JÚNIOR



DELIMITAÇÃO DAS ÁREAS COM CACAU

Técnicos da Comissão Executiva da Lavoura Cacaueira- Ceplac, Gerência de Desenvolvimento da Região Cacaueira no Espírito Santo- Geres e do Incaper e o Sistema Integrado de Bases Geoespaciais do Espírito Santo- Geobases vão delimitar as áreas de cultivo de cacau na forma de cabruca, sistemas agroflorestais e de áreas pouco sombreadas no Estado.

Mesmo que no Espírito Santo ocorram espécies nativas em situações de cabruca com alta heterogeneidade em estrutura, segundo o gerente da Ceplac no Estado, Francisco Neto, a concentração do território em cultivos de cacau e o histórico de acompanhamento dessas lavouras pela instituição vem conferir aos seus técnicos, estabelecidos por décadas na região de Linhares, um domínio de experiência que os facilita identificar a localização das lavouras de forma especialmente assertiva por observações de fotos aéreas e imagens orbitais.

Segundo o diretor presidente do Incaper, Wanderley Stuhr, essa capacidade cognitiva dos servidores da Ceplac é muito valorizada neste trabalho, notadamente nas situações em que as fotos apresentam áreas de lavouras com um padrão pouco perceptível por usuários que detém pouca experiência no assunto.

Os técnicos envolvidos enfatizam que, com os dados na interface geográfica do Geobases, serão evitados gastos com atividades de levantamento, cadastro e de manutenção de banco de dados geoespaciais especializados no assunto, pois as informações serão tratadas em uma única base geoespacial dentro do Sistema Integrado, que é flexível a receber aprimoramentos na linha do tempo.

Para o analista de geoprocessamento, Fernando Soares de Oliveira, da Unidade Central de Gestão do Geobases, a localização geográfica dessa cultura poderá ser compartilhada via uma Interface geográfica a ser acessada no Geobases.

NEGÓCIO 'APIMENTADO' EM SÃO MATEUS

Quem imaginava que um dos motivos que levaram ao descobrimento do Brasil, há mais de 500 anos, tornaria o Espírito Santo o segundo em produção e exportação do país? Nos últimos anos, a pimenta-do-reino se consolidou como uma opção de diversificação agrícola no norte do Estado e alcançou o mercado internacional com preços sempre em alta, animando produtores e empresários do setor.

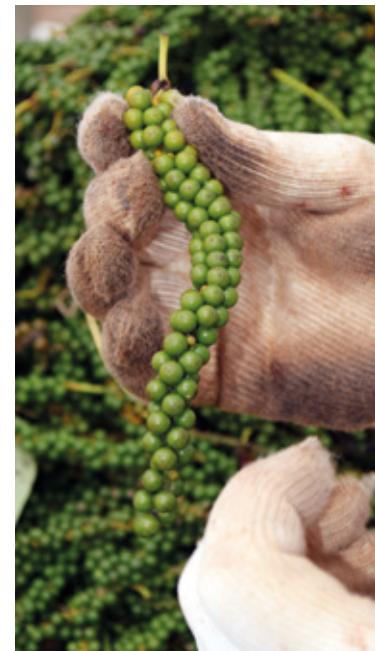
Também conhecida como pimenta-da-Índia, a pimenta-do-reino vem de uma planta trepadeira, originária daquele país, sendo a mais

comum e importante das especiarias. Nos séculos 15 e 16, ela motivou viagens entre Europa e Ásia para sua importação pelos europeus, entre elas, a comandada por Pedro Álvares Cabral, que desembarcou no Brasil, em 1500. Na Roma antiga, o produto chegou a ser empregado em certas ocasiões como moeda.

E parece que a prática se reflete entre os descendentes de imigrantes italianos estabelecidos aqui há mais de 120 anos. Eles estão entre os maiores produtores de São Mateus, município que mais produz no Brasil. O município já corresponde à 50% da produção capixaba e concentra mais de 65% da área cultivada. “A transação é rápida. Coloco a pimenta no saco para vender o dinheiro já está no bolso”, diz o pipericultor Leonidas Stelzer Zanelato, do distrito de Nestor Gomes, a 40 km do centro de São Mateus.

O presidente da Cooperativa dos Produtores da Bacia do Cricaré - Coopbac, fundada em 2005, Erasmo Carlos Negrís explica que isso acontece devido ao dinamismo do mercado da pimenta-do-reino. “A liquidez é rápida. Colhe-se e vende-se praticamente ao mesmo tempo”, destaca.

A pimenta-do-reino vem se consolidando como o terceiro produto de exportação do agronegócio estadual. Em fevereiro deste ano, a cooperativa



**“A TRANSAÇÃO É
RÁPIDA. COLOCO A
PIMENTA-DO-REINO
NO SACO PARA
VENDER E O
DINHEIRO JÁ
ESTÁ NO BOLSO.”
(LEONIDAS
ZANELATO,
PIPERICULTOR)**

realizou suas primeiras exportações de pimenta-do-reino. Um contêiner foi vendido para o mercado europeu e outro, para a África, num total de 41 toneladas do produto. A diretoria da Coopbac não divulgou o valor da transação comercial.

Segundo Negrís, a perseverança dos cooperados e a necessidade de vender diretamente no mercado externo resultou na busca pelo



Erasmo Negrís (D) preside a Coopbac.

nicho comercial de exportação. “O crescimento das lavouras no norte do Estado permitiram um estoque regulador inédito no ano passado, por isso tivemos condições de fornecer produto ao mercado externo. A cooperativa está pensando no amanhã, em trazer estabilidade para os seus cooperados. A confiança deles na condução dos negócios pela diretoria é fundamental nesse processo, de total aprendizado”, ressalta o presidente da Coopbac.

A cooperativa já negocia a venda do terceiro contêiner. “Com a Coopbac, é possível dizer: sou exportador de pimenta-do-reino porque eu sou a cooperativa. O produtor está sentindo a diferença de fazer parte disso”, destaca.

QUALIDADE

Negris e outros 165 cooperados estão focados na qualidade e devem colher 500 toneladas na próxima safra, o equivalente a 10% da produção mateense. Para identificar uma pimenta-do-reino de qualidade, basta verificar se ela está branca ou clara por dentro. Nessa condição, ela conserva todos os seus óleos, e é garantia de um bom condimento e um fantástico conservante natural.

Nessa busca pela qualidade, a tecnologia aplicada ao conilon e a estrutura física usual dessa cafeicultura dão suporte para otimizar a produção de pimenta-do-reino. É o caso dos terreiros de cimento ou suspenso com sombrite para secar os grãos.

A cooperativa vem estimulando também o uso do secador de forna-



O terreiro de cimento otimizou a produção de pimenta-do-reino.

lha indireta, que tira o contato do produto com a fumaça. A opção por essa via acompanha a tendência do mercado, em especial o europeu. “A Coopbac quer que os cooperados encampem essa ideia para todos manterem a qualidade do produto.”

Negris é uma liderança no distrito de Nestor Gomes, onde mais de 300 famílias de seis assentamentos rurais mantém milhares de pés de pimenta-do-reino em produção. A área aumentou em

quase 60% de 2014 para 2015, crescimento já verificado este ano.

A vantagem está nos plantios que dispensam grandes espaços e facilmente adaptáveis em pequenas propriedades, o que favorece a inclusão produtiva, econômica e social das famílias do campo. De cultivo bastante manual, o papel feminino é de extrema importância na pipericultura, uma vez que são mais cuidadosas ao selecionar e colher as sementes nos pés.

VARIEDADES MAIS PRODUTIVAS NAS LAVOURAS

A opção por variedades mais produtivas e resistentes a doenças estão fazendo a diferença nos cultivos de pimenta-do-reino de São Mateus, no norte do Estado. Os produtores apostam no conhecimento prático e nos resultados de pesquisas para introdu-

zirem espécies que garantam menores gastos menores e colheitas mais fartas.

Ao lado da Cingapura e da Bragantina, as mais comuns, vem mostrando excelentes resultados a Kottanadan do Broto Roxo. Os plantios foram iniciados há cerca de três anos e

se destacam pelas plantas de porte médio e pela alta produtividade, além da produção precoce, com cachos surgindo a partir dos seis meses.

No último ano, ganhou força a Kattanadan do Broto Branco, fruto de uma pesquisa do Comitê Gestor

da Pimenta-do-Reino através de edital da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo- Fapes. Enquanto a variedade do Broto Roxo produz um quilo de pimenta seca no pé, a mais recente pode chegar até a dois quilos. “É praticamente um carro de Fórmula 1 entre as variedades de pimenta-do-reino”, compara Erasmo Negris, presidente da Coopbac.

Os irmãos José Cleber (54) e Leonidas Stelzer Zanelato, de 45 anos, dedicaram uma área de uma das propriedades, às margens da BR-381 no trecho entre São Mateus e Nova Veneácia, para a novidade. Eles e outros dois irmãos cultivam quase 100% dos 12 alqueires de terra da família divididos entre pimenta-do-reino e café conilon. Só de pimenta são 50 mil pés, a maioria da variedade Bragantina.

Para Leonidas, a quantidade de cachos da Kattanadan de Broto Branco é surpreendente e chama a atenção a cobertura quase completa da planta sobre as estacas de eucalipto usadas no cultivo. “A única preocupação ainda é o estresse hídrico, que causa o aborto dos cachos”, diz o produtor, sócio-fundador da Coopbac.

A questão climática ainda é o grande gargalo da pipericultura, avalia o presidente da cooperativa, Erasmo Negris. Cultura típica de clima quente e úmido, a pimenta-do-reino se desenvolve bem em altitudes de até 500 metros, temperatura média entre 23°C e 38°C e umidade relativa entre 70% e 88%. Embora o clima e o solo sejam favoráveis, a longa estiagem compromete a irrigação.



Plantios de Kattanadan do Broto Roxo.

OS PRODUTORES APOSTAM NO CONHECIMENTO PRÁTICO E NAS ÚLTIMAS PESQUISAS PARA INTRODUZIREM ESPÉCIES QUE GARANTAM GASTOS MENORES E COLHETAS MAIS FARTAS

COOPERATIVISMO FORTALECE NEGÓCIO FAMILIAR

A exemplo de muitos pipericultores, os irmãos Leonidas e José Cleber Zanelato viveram os altos e baixos da atividade mais tradicional de São Mateus. Eles afirmam que a conquista de melhores preços (atualmente entre R\$ 20 e R\$ 25) e a independência em relação aos atravessadores só foi possível com a cooperação.

“O cooperativismo está no nosso sangue”, afirma Leonidas, diretor operacional da Coopbac.

José Cleber conta que ele e os outros três filhos do casal Evanize Stelzer (67) e Ignácio Zanelato, falecido há três anos, são todos técnico-agrícolas de formação. Para ele, isso facilitou o ingresso no cooperativismo.

“Se tornar cooperativista fica mais fácil para profissionais com nossa experiência, diferente de quem não tem esse conhecimento”, disse o produtor.

A família participou da cooperativa Veneza e hoje, por meio da Coopbac, adquire insumos a custo mais baixo e vende toda sua produção de pimenta-do-reino. Em 2015, os

produtores chegaram a comercializar o quilo a R\$ 30. Mas essa história de sucesso não foi assim no início.

De acordo com Erasmo Negrini, presidente da Coopbac, há cinco anos o valor do quilo era de R\$ 5 e encontrar parcerias parecia missão impossível. "Já teve ocasião de propormos a meeiros secar pimenta e dividir o lucro e ainda assim eles não toparem, tamanha a falta de perspectiva com o produto", afirma.

E quando o negócio dá certo, são comuns a especulação e o surgimento de aventureiros. No entanto, o produtor Leonidas Zanelato destaca o alto investimento e a tradição que a cultura da pimenta-do-reino demanda. "Não é atividade para aventureiros. A pimenta é uma incógnita, mas se não fosse ela, estaríamos falidos", diz.

RANKING DA PIMENTA-DO-REINO

PRODUÇÃO MUNDIAL

○ Vietnã é o maior produtor mundial, seguido por Indonésia, Índia e Brasil.

PRODUÇÃO NACIONAL

Destacam-se como produtores os Estados do Pará, Espírito Santo e Bahia. Em média, o Brasil

produz 40 mil toneladas de pimenta-do-reino por ano, quase 90% colhidas no Pará.

MAIORES CONSUMIDORES

- Os maiores consumidores da pimenta-do-reino brasileira são os Estados Unidos e a União Europeia.

Há 50 anos no lido com as lavouras de pimenta-do-reino, a matriarca Evanilze Stelzer faz uma comparação curiosa. "No início dos plantios, era igual cuidar de um jardim, mas

numa proporção maior." A agricultora engrossa o coro dos filhos, que consideram o produto o novo "ouro" do norte. "Se não fosse a pimenta, não sei como seriam nossas vidas."



Evanilze e os filhos José Cleber e Leonidas.

Pousada
Villa Januária

"... e lá no horizonte o Vale do Paraíso"

(28) 99922-3027
Pedra Menina
Serra do Caparaó

www.villajanuaria.com.br
face: pousadavillajanuaria





Foto EDÉZIO PETERLE

EQUINOS E MUARES SE CONSOLIDAM COMO ALTERNATIVA DE TURISMO E LAZER

INDEPENDENTE DA RAÇA, ANIMAIS DE MONTARIA GANHAM CADA VEZ MAIS ADEPTOS NA REGIÃO SERRANA CAPIXABA

EDÉZIO PETERLE
✉ safraes@gmail.com

A cultura tropeira foi essencial para o desenvolvimento de diversas cidades no interior do Espírito Santo. Antes do advento dos automóveis, todo o transporte de carga era realizado no lombo de animais. Com o tempo, o crescimento econômico e a abertura de estradas e rodovias fizeram as tropas desaparecerem. Porém, a cada ano, novas atividades com equinos e muares surgem, se consolidando com uma forma de lazer e vistas com bons olhos pelo setor de turismo. Cavalos e mulas ganham cada vez mais admiradores.

No início do século passado, as tropas, compostas em sua maioria por muares, levavam a produção agrícola até as estações ferroviárias e retornavam às propriedades com mercadorias para as comunidades mais isoladas. Apesar de ter sido uma época difícil, a admiração pelos animais resistiu ao tempo e, hoje, as atividades de montaria fazem parte da rotina de homens e mulheres de todas as idades nas cidades da região serrana capixaba.

Calvagadas, expedição tropeira, “laço de orelha” são algumas das modalidades que conciliam a força dos animais com a paixão dos “peões” pela montaria. Um grande admirador de muares é o empresário Francisco Mateus Entringer, 62 anos, de Venda Nova do Imigrante. Chico, como é conhecido, cresceu em uma fazenda, vendo o pai usar os animais para o trabalho. Hoje, tem em seu sítio os próprios muares e de alguns amigos, companheiros de cavalgada. Só neste ano, Entringer organizou comitivas para o Caparaó, Santa Leopoldina, Irupi e Forno Grande (Castelo).

Chico lembra de uma cavalgada realizada em Venda Nova que, segundo informações, foi o primeiro evento do tipo na cidade e reuniu mais de 330 cavaleiros, em 1999. A partir daí, mais pessoas começaram a se interessar por cavalos e mulas. Os encontros envolvem famílias e pessoas de várias gerações. É possível ver crianças de sete, oito anos participando das montarias. “É uma forma de lazer saudável, que vem crescendo e ganhando mais participantes”, conta Chico.

Alício Falquetto, assim como Chico, construiu boas relações com os animais de montaria e fez muitas amizades com outros cavaleiros de diversos estados do Brasil. Dentro tantas experiências que Alício guarda, uma delas são os amigos que fez. “Em dez anos realizando cavalgadas fiz mais amizades do que nos outros 44 anos de vida. Nesses encontros ocorrem troca de culturas e há muito respeito com os colegas e, principalmente, com os animais.”

Uma grande aventura realizada por Alício foi a participação na cavalgada que começou em Espera Feliz (MG) e atravessou parte do

Brasil, percorrendo cerca de 2.500 quilômetros até chegar a Passo Fundo (RS), em 2013. Foram 80 dias sobre o lombo dos muares, em um grupo de 20 cavaleiros e a equipe de apoio. O grupo foi organizado pelo mineiro Antonio Xavier Filho.

Falquetto tem uma propriedade na localidade de Viçosinha, em Venda Nova, com animais dele e de colegas que alugam o espaço, totalizando 20 muares.

O secretário de Turismo, Esporte e Lazer de Venda Nova, Marco Antonio Grillo explica que o gosto e a preferência pelos burros e mulas na região se deve ao fato de esses animais terem sido muito utilizados no processo de colonização e como forma de trabalho de muitas famílias. Entre os equinos, as raças predominantes na região são o Mangalarga Marchador e o Quarto de Milha.

Por não se reproduzirem, os muares são um híbrido entre duas espécies - *Equus africanus asinus* (o jumento) e *Equus caballus* (o cavalo). Burros e mulas são considerados animais com uma maior rusticidade e força, sendo os mais apropriados para cavalgadas de longa distância.

Foto DIVULGAÇÃO



Segundo Grillo, o grande desafio é tornar os animais atrativo turístico, por ser um segmento que mais cresce em nível mundial. "Temos exemplos muito bons em outros estados que já fazem a experiência de aluguel de animais. Lá, os animais que são usados durante a semana no trabalho são preparados para serem alugados nos sábados e domingos para o turista percorrer trilhas", acrescenta o secretário.

Existe um comércio de muares e equinos que se aquece em torno dos eventos promovidos. Um deles é a Expedição Tropeira, realizada há seis anos. Em 2016, a comitiva de tropeiros fará o trajeto entre Ouro Preto (MG) e Vitória. A saída da cidade mineira será no dia 1º de abril e a previsão de chegada é para o dia 21 do mesmo mês, no Palácio Anchieta, onde os participantes serão recebidos pelo governador do Estado do Espírito Santo.

A Expedição deste ano comemora os 200 anos da Rota Imperial da Estrada Real, caminho instituído por Dom Pedro II para escoar ouro de Minas Gerais. A tropa fará esse percurso percorrendo 14 municípios capixabas e 17 mineiros. A expectativa é de reunir 20 mil pessoas em torno do evento, principalmente no início e fim, além dos pontos de parada e pouso da tropa.

Um dos organizadores da Expedição Tropeira é José Nildo Fabri de Mello, popularmente chamado de Pelé, que participa desde o primeiro evento, que saiu de Anchieta com destino a Venda Nova. Pelé é funcionário público e mantém um pequeno rancho com dois burros, o Imigrante e o Brumado.



Alicio Falquetto entre a filha e a mulher, em Aparecida do Norte (SP), a caminho de Passo Fundo (RS).

Foto DIVULGAÇÃO

Pelé destaca que a Expedição trará uma boa visibilidade para a Rota Imperial, incentivando os pequenos empreendimentos no percurso. "No Espírito Santo, 75% das propriedades às margens da Rota Imperial estão explorando o turismo rural, como pousadas, restaurantes, cafés, pesque pagues, entre outros", analisa.

Acompanhando o crescimento do setor em todo o Estado, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - Senar tem feito, constantemente, treinamentos e capacitação de rédea, de casqueamento, ferrageamento, gerando uma mão de obra especializada e qualificada. Alguns empreendimentos já possuem opções de roteiros com animais e a tendência é só aumentar, gerando uma alternativa de complementação de renda.

O grande desafio é fazer com que o pequeno proprietário e empre-

endedor possa ter um rendimento extra, utilizando o animal que tem em sua propriedade como uma opção para o turista nos fins de semana. O secretário de Turismo de Venda Nova analisa: "O comércio de animais para montaria está aberto e é crescente, o que gera emprego e renda. Se voltarmos 15 anos atrás, veremos que não tínhamos animais aqui. É um novo mercado que está se consolidando."

O uso de animais em eventos turísticos já é uma realidade na região serrana, no Brasil e até na Europa. No norte da Itália, Áustria, Alemanha e países vizinhos, o que mais tem crescido é a utilização de animais no calendário de eventos. "Não importa a raça. O que é levado em consideração é o cuidado, o trato, docilidade e o gosto do dono do animal", finaliza Marco Grillo.

"O COMÉRCIO DE ANIMAIS PARA MONTARIA ESTÁ ABERTO E É CRESCENTE,"
(MARCO GRILLO)



José Nildo (o Pelé) com os burros Imigrante e Brumado.

Foto EDÉZIO PETERLE



Foto DIVULGAÇÃO

O MELHOR CAVALO DO BRASIL

Foi de uma propriedade do distrito de Araguaya, em Marechal Floriano, que saiu o melhor cavalo do Brasil, em 2009. O Mangalarga Marchador Stilo de Três Corações, do empresário Leandro Prest, foi o melhor entre mais de mil animais da mesma raça que participaram da Exposição Nacional de Mangalarga Marchador naquele ano. Ele conquistou o título de campeão dos campeões. O Stilo de Três Corações foi o primeiro cavalo da região de montanhas do Estado a chegar ao topo nacional da raça.

O cavalo premiado já foi comercializado em 2013 e hoje, um irmão e os filhos do animal são criados no Haras 2L, onde dividem espaço com outros animais com objetivo de recria. Prest também tem cavalos em Minas Gerais, que participam de exposições e competições menores. “Hoje, meu foco é na reprodução de animais, mas a ideia é voltar a participar de competições no segundo semestre deste ano”, revela Prest.

Ele iniciou o trabalho no Haras 2L no final da década de 90, mas a paixão por cavalos vem da infância. “Desde garoto, meu pai criou a gente na roça, na nossa fazenda, utilizando cavalos e tocando gado. Sempre gostei

de animais e passei a adquiri-los e participar de competições”, conta.

Além disso, a família Prest, de origem italiana, sempre esteve ligada ao setor agrícola, sendo fundadora da LP Ferramentas Agrícolas, empresa centenária que atua no ramo

de produção de ferramentas para a agricultura e produtos afins. Fundador da LP, o italiano Luiz Prest, bisavô de Leandro, foi tropeiro quando jovem e produzia ferraduras, o que evidencia a relação da família com animais de montaria.



Leandro Prest com o cavalo campeão Stilo de Três Corações.



Foto: EDUZO PEREIRE

TROCOU A MOTO PELA MULA

Para quem pensa que todo adolescente tem seus olhos brilhando por uma moto ou por um carro, está enganado. O jovem Yago Uliana Bergamim, de 17 anos, fez uma troca, um tanto inusitada, de um presente que ganhou do pai, no seu aniversário de 11 anos. Após ficar cerca de um ano com uma moto de pequeno porte, Yago a trocou por uma mula e desde então sempre teve muares e equinos na propriedade da família, em Alto Caxixe, distrito de Venda Nova do Imigrante.

A troca foi uma escolha do próprio rapaz, pois como a moto era destinada para a prática de motocross, o perigo era constante. A partir daí, o contato com os animais foi se fortalecendo e tornando-se uma opção de lazer e diversão saudável.

O estudante de agroindústria vendeu a mula que substituiu a moto

**TODOS OS FINAIS DE SEMANA
OCORREM ENCONTROS
DE LAÇO QUE JÁ REÚNEM
ATÉ 200 LAÇADORES**

há um mês e continua com três animais: um cavalo Crioulo do Rio Grande do Sul e duas éguas da raça Quarto de Milha. A principal atividade realizada com os equinos é o “laço de orelha”, uma moda que está ganhando adeptos na região serrana, que consiste na captura de boi, em uma pista própria, por um laço que deve ficar entre o focinho e a orelha do animal. O cavaleiro precisa levar o boi laçado até o final da pista, onde o juiz dará a pontuação.

Yago conta que em todos os finais de semana ocorrem encontros de laço que já reúnem até 200 laçadores, onde os mais habilidosos ganham prêmios. Mas para se tornar um bom laçador, é necessário treino e habilidade. “Para começar a ganhar uns prêmios e acertar o laço com frequência, demoramos de sete meses a um ano. Não há professor. Você aprende sozinho vendendo outras pessoas laçarem”, conta o jovem.

Escolha Cooperar

Cooperar é unir forças e chegar mais longe. É vencer obstáculos sem nunca estar sozinho. É trabalhar na busca de um resultado para todos e construir para o futuro, o que se deseja hoje. Cooperação envolve diálogo, doação, esforço e humildade.

O resultado disso tudo só pode ser o bem.

Eu coopero
Tu cooperas
Eles e Elas cooperam
Nós mudamos o mundo

Hoje, no ES, existem 137 cooperativas nos ramos agropecuário, saúde, crédito (serviços financeiros), trabalho, educacional, produção, transporte, habitacional e consumo. Para cooperar você pode associar-se a uma cooperativa ou consumir os diversos produtos e serviços que elas disponibilizam no mercado. No site do Sistema Cooperativo Capixaba (OCB-SESCOOP/ES) você encontra diversas informações. Acesse e faça parte hoje.



Sistema
OCB/ES
FEDCOB SILENE - OCB/ES - SESCOOP/ES



www.ocbes.coop.br - (27)2125-3200
www.fb.com/SistemaOcbSescoop.es



JOSÉ MARIA DE ABREU JÚNIOR, DIRETOR PRESIDENTE DO IDAF

“PRODUTOR E IDAF ESTÃO DO MESMO LADO”

ADI ES
✉ safraes@gmail.com

O Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf) é responsável pela defesa sanitária das atividades agropecuárias, florestais, pesqueiras e dos recursos hídricos, solos e vegetação do Estado. Sua atuação tange a rotina do agronegócio capixaba. O diretor presidente da entidade, José Maria de Abreu Júnior, conta como o Idaf vem atuando pela desburocratização das leis que influenciam no dia a dia do homem do campo.

O Instituto passa pela modernização de seus procedimentos e enfrenta o desafio de auxiliar a fiscalização das atividades rurais de grandes e pequenos produtores em tempos de crise hídrica. “O objetivo das normas é garantir uma produção de qualidade. Produtor e Idaf estão do mesmo lado. Da mesma forma que atuamos para que os produtores façam a melhor gestão de sua área e produzam melhor, eles têm um ganho nisso”, afirma.

O Idaf foi criado em 1996, mas suas atividades se remetem a 1948, época da criação do Instituto Biológico do Estado do Espírito Santo. Trata-se de uma relação de mais de meio século com o desenvolvimento das políticas agrárias no Estado. Imagino que muito tenha sido amadurecido nesse período.

Como se dá hoje o relacionamento com o produtor rural?

Queremos um Idaf mais próximo do produtor e mais moderno. Discutimos a simplificação da legislação para auxiliar a agroindústria. O objetivo é que exista prosperidade no interior, com uma produção cada vez melhor. Isso é ganho social. Nossa ação parte de alguns pilares. Primeiro, trabalhamos a desburocratização das leis, precisamos simplificar e fazer com que o produtor possa se focar na produção. Em segundo lugar, vem o investimento em tecnologia da informação. Além disso, estamos simplificando processos.

Que processos seriam simplificados nesses passos da desburocratização?

Por exemplo, a licença de moto serra: o Ibama [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis] faz e o Idaf faz também. Estamos assinando convênio para definir quem faz. Buscamos ainda formas de simplificar licenciamento de despolpador e secador de café. Também

estamos fazendo a concessão do serviço de inspeção animal. Gasta-mos em torno de R\$ 4,5 milhões por ano com nossos servidores dentro dos frigoríficos e abatedouros, e recebemos, em taxas, cerca de R\$ 250 mil. Estamos enviando projeto de lei para Assembleia Legislativa para fazermos a concessão desse serviço de inspeção. Com isso, vamos deslocar esses 50 profissionais que estavam na inspeção para o atendimento ao produtor.

A simplificação das leis é um caminho para agilizar os processos?

No ano passado, por exemplo, aprovamos uma Lei de Procedimentos Administrativos, um avanço muito grande. Nos últimos dez anos, mais de 10 mil autos de infração geraram queixas crime ao produtor. Digamos que um agricultor deixou de fazer a vacina de febre aftosa em um animal e foi autuado pelo profissional do Idaf. Antigamente, automaticamente, uma cópia desse auto de infração era enviada ao Ministério Público, que abria uma queixa

“QUEREMOS UM IDAF MAIS PRÓXIMO DO PRODUTOR E MAIS MODERNO. DISCUTIMOS A SIMPLIFICAÇÃO DA LEGISLAÇÃO PARA AUXILIAR A AGROINDÚSTRIA. O OBJETIVO É QUE EXISTA PROSPERIDADE NO INTERIOR, COM UMA PRODUÇÃO CADA VEZ MELHOR”.

crime. O produtor achava que o problema dele era pagar o auto de infração de 50 reais, mas tinha que contratar um advogado e ir se defender. As pessoas podiam deixar de ser ré primária.

Isso mudou?

Desde dezembro de 2015, só os autos de infração transitados, julgados e considerados crimes graves ou gravíssimos são encaminhados ao Ministério Público. Uma mudança drástica. Nessa mesma lei, criamos uma situação inovadora. Quando você é autuado, antes, eram quatro escadas de recurso. Agora, mantivemos o recurso em primeira instância (aos servidores do Idaf) e, em segunda instância, onde um colegiado com participação do setor produtivo avalia o caso. Isso nos permite desburocratizar. Teremos respostas mais ágeis e um julgamento mais equilibrado, com a presença do produtor.

A Anatel (Agencia Nacional de Telecomunicações) lista 11 cidades do Espírito Santo entre os municípios brasileiros que possuem área rural atendida por banda larga e celular. Porém, em janeiro, o ministro das Comunicações, André Figueiredo, anunciou a meta de universalização da banda larga nas cidades capixabas até o final de 2018. O senhor já disse que a digitalização dos processos é o outro passo na modernização do Idaf, o homem do campo está preparado para isso?

Entendemos que algumas pessoas têm dificuldade, mas imagina-se a Receita Federal não tivesse digitalizado seu processo. Ainda haveria gente usando caderno pra declarar o Imposto de Renda. Temos que fazer o investimento em tecnologia da informação. Já colocamos a Guia de Transito Animal on-line. Hoje, ela pode ser emitida pelo computador. Mas, a partir de 31 de março, fizemos normativa para guia não ser mais

“O IDAF DEVE ESTAR MAIS PRÓXIMO DO PRODUTOR E O PRODUTOR MAIS PRÓXIMO DO IDAF. PRECISA SER UM JOGO DE GANHA-GANHA. HOJE, O PRODUTOR SABE: SE ANTIGAMENTE UMA PROPRIEDADE ERA BEM AVALIADA PELA QUALIDADE DA TERRA, HOJE, É PELO ACESSO A ÁGUA. O OBJETIVO DAS NORMAS É GARANTIR UMA PRODUÇÃO DE QUALIDADE”.

emitida no nosso escritório. Por quê? Dos animais guiados em 2015, dois terços foram autorizados por meio de GTAs emitidas on-line. Porém, dois terços das guias emitidas partiram de escritórios do Idaf. Ou seja, os servidores estão emitindo guias no escritório. Agora, os sindicatos dos produtores estão emitindo as guias on-line para ajudar. Também estamos tirando do escritório à demanda de emitir comprovante de vacina de febre aftosa. Queremos, até abril, implantar, na internet, a permissão de trânsito vegetal. Nossa previsão é tirar de dentro do escritório 50% das demandas administrativas com essas iniciativas. Poderemos direcionar os servidores para outras funções de auxilio ao produtor.

Temos muitas pequenas propriedades no Espírito Santo, com grande preponderância da agricultura familiar. O senhor avalia que nossa legislação é sensível as condições (muitas vezes diferentes) dos pequenos e grandes produtores?

Na maioria das vezes, a legislação não separa um do outro. Tenho que, igualmente, lacrar uma bomba de água irregular de um grande frigorífico ou de um pequeno produtor. Acredito que nossos funcionários têm um carinho com os menores. Mas, na

maioria das vezes, é impossível separar, pois a legislação não separa.

Foi registrada a ocorrência de sigatoka negra (doença que atinge a bananeira) em propriedades de São Mateus, Pinheiros e Linhares. Com isso, o Ministério da Agricultura já sinalizou que deverá revogar a Instrução Normativa (IN nº 64, de 21 de novembro de 2006), que reconhece o Espírito Santo como área livre. Como o Governo do Estado pretende minimizar os efeitos da doença na economia local?

É uma praga com consequências econômicas. Com a revoga-



ção da IN nº 64, os produtores capixabas terão restrições para comercializar a banana para áreas livres da sigatoka e 80% da nossa banana vai para outros Estados. Vamos fazer, esta semana, e na outra, audiências públicas para conversar sobre essa questão. Vai ser inevitável a retirada de área livre. Estamos discutindo como produzir, dentro desse cenário. Tentamos manter o Sul como área livre e o Norte como área de sistema de mitigação e risco. Os produtores do Norte terão mais facilidade de se adequar às regras que permitem manter as vendas.

Desde o ano passado, a captação de água durante o dia (entre as 5 horas e as 18 horas) foi proibida em todo o Estado, exceto para abastecimento humano. Os produtores tiveram que parar de irrigar no meio do que alguns classificaram como a pior seca da história do Espírito Santo. Nesse contexto, como é fiscalizar as atividades para garantir que as normas do racionamento sejam cumpridas?

A atribuição de fiscalizar é da Agencia Estadual de Recursos Hídricos (Agerh), temos um convênio junto com outros órgãos para ajudar na fiscalização. É difícil chegar para um produtor e lacrar uma bomba de onde ele tira seu sustento. Mas temos que cumprir nosso dever. As ocorrências aumentaram, mas aumentaram também o número de denúncias. Isso exemplifica que



Mexemos na legislação, facilitamos a vida do produtor, para que ele fizesse as barragens. Acreditamos que esse é mais um exemplo da simplificação da legislação. Se não ousarmos vamos ficar, só aumentando documentos e a população não aguenta mais isso.

O Idaf tem um escritório central, quatro regionais, 30 locais, 47 postos de atendimento, quatro unidades volantes, quatro postos de fronteira e um laboratório de diagnóstico. Mesmo com essa estrutura, ainda existem muitas propriedades rurais fora dos parâmetros e normativas legais no Espírito Santo? Qual o débito das regularizações que devem ser quitados pelos produtores capixabas?

Acho que não é valor alto. Agora, nessa lei de dezembro do ano passado, conseguimos ter o parcelamento dos débitos. O ponto é que, se formos trabalhar, só com repressão não vamos avançar. O Idaf deve estar mais próximo do produtor e o produtor mais próximo do Idaf. Precisa ser um jogo de ganha-ganha. Hoje, o produtor sabe: se antigamente uma propriedade era bem avaliada pela qualidade da terra, hoje, é pelo acesso a água. O objetivo das normas é garantir uma produção de qualidade. Produtor e Idaf estão do mesmo lado. Da mesma forma que atuamos para que os produtores façam a melhor gestão de sua área e produzam melhor, eles têm um ganho nisso.

a consciência dos produtores e das pessoas têm aumentado. É bom destacar que denúncias, sugestões, reclamações e elogios podem ser feitos na página da ouvidoria do Estado: www.ouvidoria.es.gov.br.

Uma das iniciativas do Governo do Estado, na gestão dos recursos hídricos, é o programa de barragens. Hoje, o licenciamento de novos reservatórios foi facilitado. Para as barragens com área de até um hectare e volume de até 10 mil metros cúbicos, basta fazer o cadastro no Idaf. Essa isenção já tem tido resultados, tendo em vista que cerca de 80% das barragens construídas no Espírito Santo estão nessa faixa que dispensa licenciamento?

No ano passado, licenciamos cerca de 1.600 barragens. Isso é mais que todos os outros anos anteriores, desde 1996. Barragem até um hectare é declaratória.



AQUÁTICA
AQUÁRIOS

PROGRAMA REFLORESTAR: MAIS DE R\$ 1 MILHÃO PARA PRODUTORES

Três mil mudas começaram a ser plantadas dia 23 de março em comemoração ao Dia Mundial da Água. A ação foi realizada em uma propriedade rural de Guaçuí que é atendida pelo Programa Reflorestar, coordenado pela Secretaria do Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Seama), com apoio do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema), do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), da Associação de Engenheiros Florestais do Espírito Santo (Aefes) e da Prefeitura Municipal de Guaçuí.

As comemorações incluíram ainda uma solenidade em Alfredo Chaves, às 10 horas, para entrega de um cheque simbólico para produtores rurais do Programa Reflorestar na Bacia do Benevente, que também recebeu seu Plano de Recursos Hídricos.

“Passamos por um momento desafiador na gestão dos recursos hídricos do Estado. Precisamos nos mobilizar para avançar na mudança da atual relação dos brasileiros e capixabas com os recursos naturais. Ao invés de criticar ações exploratórias do passado, precisamos fazer um reequilíbrio dos recursos naturais existentes e para isso é necessário avançarmos no plantio de árvores, preservando nascente. Precisamos refletir e evoluir”, analisou o governador Paulo Hartung.

O governador disse ainda que além de uma ação educacional, a medida é um projeto piloto em que o Governo do Estado estuda uma ação ampla de mobilização junto aos municípios. “Ontem foi Dia Mundial da Água e anunciamos um novo programa para reservação de água. É um programa com investimentos da ordem de R\$ 60 milhões, mas não adianta ter barragem e reservatório se não tiver produção de água. Esse projeto de hoje é piloto. Precisamos fazer ações como essa, mas em longa escala. Precisamos sair desta agenda como multiplicadores de uma consciência da sustentabilidade.



Foto: THIAGO GUIMARÃES/SECOM

Precisamos construir soluções para ampliar a preservação do meio ambiente, o que auxiliará no enfrentamento dos fenômenos climáticos extremos”, adiantou.

PLANTIO

O plantio foi realizado na Estância São Lucas, do proprietário João Batista de Oliveira Gomes e de sua mulher, Maria Aparecida Guedes Gomes. A área plantada irá cobrir 1,8 hectares com as três mil mudas, que servirão para a recuperação da região. João Batista realizou palestras nas escolas da região para conscientizar os estudantes, explicando como usar hidrogel e inserir as plantas na cova. Participaram aproximadamente 150 alunos da Escola Estadual Antônio Carneiro, EMEF José Antônio de Carvalho, Colégio Israel e Escola Estadual Monsenhor Miguel de Santos.

BACIA DO BENEVENTE

Por meio do Programa Reflorestar, serão beneficiadas 50 propriedades localizadas na Bacia do Rio Benevente, situada entre os municípios de Alfredo Chaves e Anchieta. Além de ajudar na recuperação de beiras de rios e córregos e de áreas de recarga de água, no local de plantio serão recuperadas pelo menos 20 nascentes. No total, serão investidos R\$ 1.351.108,3 para a recuperação de 159,29 hectares e a conservação de outros 411 de floresta em pé.

Quem recebeu o cheque simbólico homenageando todos os 50 produtores atendidos em 2015 pelo Reflorestar na Bacia do Benevente foi o produtor Ricardo Sardi, que subiu ao palco acompanhado de seu neto. “Estou muito emocionado, porque plantei desde a idade do meu neto e hoje plantei para recuperar, e eu percebo que minha água nunca diminuiu, está sempre a mesma”, disse.

Os produtores irão plantar aproximadamente 169.250 mudas de espécies da Mata Atlântica, além de mudas que conciliam proteção do solo e da água, com a geração de renda para o proprietário, possibilitando a formação de Sistemas Agroflorestais, uma das modalidades do Programa Reflorestar. Por meio desses arranjos florestais, a recuperação da área é aliada ao cultivo de cacau, café, açaí, banana, seringueira, pupunha e outros.



Está aberto o edital + Pesquisa AgroCapixaba.

PRAZO PARA INSCRIÇÃO
DE PROJETOS:

28/04/2016

R\$ 14 MILHÕES: é o maior investimento em pesquisa agropecuária já feito pelo Governo do Estado. Se você tem um projeto em rede, que contribua com o desenvolvimento do agronegócio capixaba, participe.

- Bolsa de Iniciação Científica
- Bolsa de Apoio Técnico
- Bolsa de Mestrado
- Bolsa de Coordenador de Projeto

Mais informações e
Edital disponíveis nos sites
www.fapes.es.gov.br e
www.seag.es.gov.br



COMUNIDADE DE JACU RECEBE O II ENCONTRO AGRICULTURA FORTE NO SUL DO ESTADO COM ESPERANÇA E ENTUSIASMO

A esperança e o entusiasmo tomaram conta de centenas de pessoas que estiveram presentes ao II Encontro Agricultura Forte, dia 27 de fevereiro, na comunidade de Jacu, em Cachoeiro de Itapemirim.

Eram produtores rurais de várias regiões do estado, empresários, lideranças políticas e agrícolas, representantes de entidades ligadas ao setor que discutiram os desafios do agronegócio capixaba, ligados principalmente à crise hídrica, renegociações de dívidas financeiras dos produtores e questões ambientais.

DURANTE O ENCONTRO, HARTUNG ASSINA DECRETO PARA CONSTRUÇÃO DE BARRAGENS

O governador Paulo Hartung assinou decreto que considera empreendimentos de interesse social as barragens construídas, e a construir, com fins agropecuários e ou usos múltiplos, licenciadas pelo Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal (Idaf).

Na prática, o decreto vai facilitar a implantação de barragens no Espírito Santo ao regulamentar a construção desses equipamentos em áreas que possuem trechos de vegetação em estágio médio de regeneração, mantendo-se todas as exigências da legislação ambiental. O decreto atende a uma reivindicação feita pelas entidades do setor agropecuário.





CADASTRO AMBIENTAL RURAL – CAR E E-GTA



RAYSA GEAQUINTO É ADVOGADA, CONSULTORA ORGANIZACIONAL, PROFESSORA UNIVERSITÁRIA, ESPECIALISTA EM GESTÃO DA QUALIDADE E PRODUTIVIDADE E EM DIREITO EMPRESARIAL E MESTRANDA EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS.

Nesta edição vamos tratar sobre o Cadastro Ambiental Rural – CAR e sobre a novidade da Guia de Trânsito Animal online. Assuntos de grande importância para os produtores rurais, que devem ficar atentos às modificações da legislação ambiental, pois as modificações na legislação podem acarretar novas despesas e documentações a serem apresentadas aos órgãos ambientais, ou, por outro lado, podem trazer benefícios, como pode-se ver a seguir.

O CAR, criado pela Lei 12.651/2012, consiste em um cadastro das informações georreferenciadas do imóvel rural, com objetivo de criar um diagnóstico ambiental das propriedades rurais. Além das divisas, vai referenciar as áreas de preservação, florestas nativas, áreas de uso restrito e posses rurais. Este deve ser feito junto ao órgão ambiental estadual ou municipal competente.

O cadastro é necessário para obtenção de crédito agrícola, contratação de seguro agrícola; para conseguir isenção de impostos para os principais insumos e equipamentos, como bombas d'água, trado, arame, poste, dentre outros. Os principais benefícios são regularização da Área de Preservação Permanente – APP e de Reserva Legal; Suspensão de sanções cometidas até 22.07.2008; dedução das Áreas de Preservação Permanente, Reserva Legal e de uso restrito da base de cálculo do ITR, gerando, assim, créditos tributários.

Após a implantação do CAR, o órgão licenciador será o responsável pela emissão de licenças, para, por exemplo, supressão de novas áreas de floresta, devendo manter sempre atualizado o cadastro, lembrando

que o CAR emitido não é considerado título para fins de reconhecimento de direito de propriedade e não libera do Cadastro Nacional de Imóveis Rurais - CNIR.

Nosso segundo assunto desta edição é a Guia de Trânsito Animal online. Esta foi disponibilizada pelo IDAF desde o ano passado, para que os produtores possam emitir a guia de transporte animal sem a obrigação de ir até o escritório do IDAF, podendo emitir online após o cadastro. Por enquanto, a e-GTA é exclusiva para o transporte de bovinos, bubalinos, ovinos e caprinos destinados ao abate, engorda ou reprodução dentro do Espírito Santo.

O produtor deve primeiro se cadastrar no Sistema de Integração Agropecuária - SIAPEC, em qualquer escritório do IDAF. Com o usuário e senha, poderá emitir a guia no site do IDAF (www.idaf.es.gov.br) no campo “produtor online”. O produtor não pode ter pendências sanitárias e deve estar com a vacinação em dia. Quaisquer dúvidas podem ser sanadas no escritório do IDAF ou pelo site.

Fonte: www.car.gov.br e www.idaf.es.gov.br

J. AZEVEDO



REVENDA AUTORIZADA MASSEY FERGUSON
OFERECE A MELHOR OPÇÃO DE FINANCIAMENTO
FAÇA SUA ESCOLHA



- MODERFROTA
- PRONAMP
- PRONAF MAIS ALIMENTOS
- CONSÓRCIO NACIONAL
MASSEY FERGUSON

CONHEÇA TAMBÉM NOSSA VARIEDADE DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS



CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM - ES. TEL: (28) 3526-3600
E-MAIL: VENDAS@JAZEVEDOES.COM.BR

BOM JESUS - RJ. TEL: (22) 3831-1127
E-MAIL: JAZEVEDOBJ@JAZEVEDONET.COM.BR

ITAPERUNA - RJ. TEL: (22) 3822-0625
E-MAIL: JAZEVEDORJ@JAZEVEDONET.COM.BR

MURIÁE - MG. TEL: (32) 3696-4500
E-MAIL: VENDAS@JAZEVEDONET.COM.BR



Com o Sicoob você colhe bons negócios.

Como o maior financiador da atividade cafeeira e 2º maior financiador da atividade agropecuária do Espírito Santo¹, o Sicoob tem linhas de crédito que atendem da agricultura familiar à empresarial e soluções necessárias para contribuir com o crescimento dos cooperados que atuam no agronegócio.

Venha para o Sicoob e viva
um jeito diferente de cuidar
da sua vida financeira.

www.sicoobes.com.br

 **SICOOB**
ASSOCIADO A VOCÊ.

¹Conforme relatório de liberações de crédito rural de dezembro de 2015 publicado pelo Banco Central do Brasil. Disponível em www.bcb.gov.br